

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

RAQUEL SANTOS VITORINO

**A ÉTICA ALIMENTAR NOS BANQUETES BÍBLICOS:
passagem, comunhão e poder.**

Cuité/PB

2015

RAQUEL SANTOS VITORINO

**A ÉTICA ALIMENTAR NOS BANQUETES BÍBLICOS:
passagem, comunhão e poder.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em alimentação, cultura e sociabilidades na sociedade atual.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a. Michelle Cristine Medeiros da Silva

Cuité/PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Msc. Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

V845e Vitorino, Raquel Santos.

A ética alimentar nos banquetes bíblicos: passagem, comunhão e poder. / Raquel Santos Vitorino. – Cuité: CES, 2015.

69 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2015.

Orientadora: Michelle Cristine de Medeiros Silva.

1. Banquetes. 2. Comensalidade. 3. Sociabilidade. 4. Cultura. I. Título.

CDU 612.3

RAQUEL SANTOS VITORINO

A ÉTICA ALIMENTAR NOS BANQUETES BÍBLICOS: Passagem, comunhão e poder.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em alimentação, culturas e sociabilidades atual.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutora Michelle Cristina de Medeiros Silva
Universidade Federal de Campina Grande
Orientador

Prof. Doutor Hermano Machado Ferreira Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador

Prof. Doutora Izayana Pereira Feitosa
Universidade Federal de Campina Grande
Examinador

Cuité/PB

2015

À minha família e verdadeiros amigos,
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, por cada segundo da minha vida, por escrever meu caminho certo em linhas tortas, por me iluminar, guiar e amar.

À minha mãe Eurides por seu amor incondicional, seu esforço, orações e fé por mim e minhas escolhas, por desde cedo ser um exemplo de perseverança.

Ao meu pai Benicio por, da sua forma, confiar e acreditar em mim, incentivar-me a buscar meu desenvolvimento e por seu sincero amor.

A toda minha família por está sempre ao meu lado, dando apoio e força nas horas mais complicadas.

Aos meus irmãos Rafaella e Rodrigo por todo carinho e esperança que depositam em mim.

À minha amiga e irmã Talyta, Paloma, Josenias e Normanda por todo o companheirismo, verdadeira amizade, amor, encorajamento, ajuda nas horas mais tenebrosas, tanto nas acadêmicas como as pessoais, pelas risadas, abraços, conselhos, dormidas, cafés, sonhos, planos e disposição para qualquer coisa que aparecer além dos muros da universidade. Como também a Savany, Savannara, Andrea e Jaqueline por sempre desejarem nada além da minha felicidade.

A Renan por aguentar minhas precipitações, medos, choros e inseguranças; me dá confiança, paz, carinho, levantar meu astral e compartilhar dos meus sonhos.

À minha orientadora Michelle por não desistir de mim, segurar a minha mão, driblar ou alimentar meus devaneios e arrastar o meu olhar como um imã.

À banca, pelo carinho, disposição e consideração por participar e prestigiar meu trabalho de conclusão de curso.

E a todos que confiam no meu potencial e apostam na minha vitória.

“Vindo, pois, o rei e Hamã ao banquete que Ester havia preparado, disse o rei a Ester, no banquete do vinho: Qual é a tua petição? Esse te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino”
(*Ester 5:6*).

VITORINO, S. R. **A ÉTICA ALIMENTAR NOS BANQUETES BÍBLICOS: passagem, comunhão e poder.** 2015. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

RESUMO

Os ritos de comensalidades instituem uma forma de sociabilidade que funda nossa sociedade. Os banquetes durante a Idade Antiga oferecem elementos para reflexão sobre a passagem natureza-cultura operada via comensalidade no âmbito da culinária humana. A Bíblia, enquanto obra literária, um dos livros que junto com o Direito romano mais influenciou formação da cultura ocidental, deixa pistas para a compreensão dos movimentos que instituíram tal prática de sociabilidade em torno da comida, bem como nos ajuda a refletir como eles ecoam em nossas práticas ainda hoje. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender a ética constitutiva de banquetes descritos no texto bíblico, tendo como *corpus* a Bíblia. A metodologia utilizada para análise do texto foi a análise temática proposta por Bauer e Gaskell (2002) para permitir uma reflexão sobre o livro e sobre o tema. Após a análise, percebe-se que o *corpus* atenta para três tipos de comportamento que regiam os atos de partilha de alimentos: (1) a *ética da passagem*, que serve como signo de uma mudança na vida coletiva ou individual como casamentos (Jacó e Raquel, Bodas de Canaã, Assuero e Ester), aniversários (Faraó e Herodes) e mortes (Páscoa e Nabal). A comensalidade media todo o rito, que, por sua vez, coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido a esses marcos da vida social; (2) a *ética da comunhão*, que cria uma esfera de partilha de valores, conquistas, ideais (Última ceia), de cuidado em favor de alguém ou algum povo (milagre dos pães e intervenção de Ester), visando um fim político, ou seja, a construção de uma esfera de bem comum, em que os alimentos denotam um sinal de comunhão, seja de um pão físico, seja espiritual; e, por fim, (3) a *ética do poder*, partilhas que engendram relações de acordo (Abimeleque, Davi, Elizeu, Belsazar), de demonstração do poder via produção de imagens de fartura (Assuero) e que desenham distinção entre o soberano e seus súditos (todos). Portanto, pensar a alimentação envolve dar atenção não apenas ao componente de função e subsistência que repousa sob os alimentos, mas, envolve pensar os símbolos, a imaginação coletiva, a sociabilidade e todas as questões que perpassam o humano. O tema de ética alimentar nos banquetes bíblicos abriria mais possibilidades de estudos relacionados à cultura e sociabilidades.

Palavras-chaves: Banquetes. Comensalidade. Sociabilidade. Cultura.

VITORINO, S. R. **A ÉTICA ALIMENTAR NOS BANQUETES BÍBLICOS: passagem, comunhão e poder.** 2015. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015.

ABSTRACT

The commensality rites establish a form of sociability that sling our society. The banquet during the Old Age offer elements for reflection about passing nature-culture operated through commensality in the scope of human culinary. And the Bible, while a literary work, of the works together with the Roman Law most influenced the formation of Occident culture, leaves clues for understanding the movements that have instituted such practice of sociability around food, well as helps us to reflect how they echo in our practices still today. Thus, this study aims to understand the constitutive ethics banquet described in the biblical text, with the *corpus* the Bible. The methodology used for analysis of the text was the thematic analysis proposed by Bauer and Gaskell (2002), to allow a reflection about the book and the theme. After the analysis one realizes that the corpus attentive to three types of behavior which governed the acts of sharing of food: (1) *the ethics of passage*, which serves like sign of a change in the collective or individual life as weddings (Jacob and Rachel, of Canaan Wedding, Ahasuerus and Esther), birthdays (Pharaoh and Herod) and deaths (Easter and Nabal). The commensality measured whole the rite, which in turn, puts order, classifies, sets the priorities, gives meaning to these landmarks of social life; (2) *the ethics of communion*, which creates a sphere of sharing of values, achievements, ideals (Last Supper), care in favor of someone or some people (miracle of the loaves and Esther's intervention), seeking a political end, or is, the construction of a common good sphere, where food show a sign of communion, be a physical bread, be spiritual; and, finally, (3) *the ethics of power*, sharing that engender relations agreement (Abimelech, David, Elizeu, Belshazzar), demonstration of power Through the production of abundance of images (Ahasuerus) and drawing the distinction between the sovereign and their subjects (all). Therefore, think the feeding involves giving attention not only to the function component and subsistence which rests under the the food, but involves thinking the symbols, the collective imagination, the sociability, in short, all the issues that permeates human. The theme of feed ethics biblical feasts would open more possibilities for studies related to culture and sociability.

Key-words: Banquets. Commensality. Sociability. Culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1. A COMENSALIDADE E OS BANQUETES.....	15
3.2. O COMER JUNTO NA CONTEMPORANEIDADE: OS BANQUETES HOJE....	18
3.3 A BÍBLIA: LIVRO FORMADOR DA CULTURA OCIDENTAL.....	21
4. METODOLOGIA	26
4.1 JUSTIFICATIVA PARA SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	26
4.2 TÉCNICA PARA ANÁLISES DOS DADOS.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1 A ÉTICA ALIMENTAR DOS BANQUETES BÍBLICOS.....	28
5.1.1 Ética da Passagem.....	28
5.1.2 Ética da Comunhão.....	42
5.1.3 Ética do Poder.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	69

1. INTRODUÇÃO

Segundo Canesqui (2005) “o alimento além de seu caráter utilitário, constitui-se em uma linguagem”. Toda linguagem, além de um valor racional e funcional, contém seus ruídos, desvios e aspectos simbólicos. Assim também a alimentação que, para além de seu componente nutricional, reveste-se de cultura, sociabilidade e de aspectos da subjetividade humana.

Deste modo, o homem come não apenas porque sente fome, mas porque comer o torna humano. A alimentação humana transversaliza a sua existência: profissões, objetos de consumo, rituais de agregação, obras literárias e cinematográficas, novas formas de relacionamentos (TIGER, 1993). Os rituais relacionados à comida podem ser encontrados nos momentos mais marcantes da vida em sociedade (LIMA, 1999; apud NASCIMENTO, 2007). Foquem-se os seguintes rituais: o início e a manutenção das relações pessoais e de negócios, a expressão de amor e carinho, a distinção de um grupo, a reação a um estresse psicológico ou emocional, o significado de *status* social ou de riqueza, recompensas ou castigos, reconhecimento, fortalecimento da autoestima, exercício do poder político e econômico, prevenção e tratamento de enfermidades físicas e mentais, mudanças de hábitos. Todos esses são eventos relacionados e marcados pelo consumo de alimentos em uma rede de sociabilidades. (NASCIMENTO, 2007). Esse componente social que habita o ato de comer e beber em comunidade define a *comensalidade*. *Mensa*, do latim, significa conviver à mesa e isto envolve não somente o padrão alimentar ou o que se come, mas, principalmente, como se come (MOREIRA, 2010).

O que poderia ser dito sobre os rituais de comensalidade em um dos livros que, segundo Sellier (2011), mais influenciou a formação da cultura ocidental: a Bíblia? Os textos bíblicos fornecem inúmeros exemplos de como a vida antiga foi centrada em torno das refeições: festas de casamento, rituais de sacrifícios, banquetes reais e outras ocasiões apresentam a comida e seu modos de consumo como protagonistas. Esses escritos, além de relato dogmático, são narrativas mitológicas que colonizam o imaginário de uma civilização (SELLIER, 2011).

Assim sendo, Ferreira (2008) apresenta a possibilidade de tomar a narrativa bíblica como texto literário para fins de análise. O autor destaca algumas características desse livro que o tornam literatura: nele, há um mundo que - é (re)construído pela visão do artista; um

fundamento estético, - que o mantém em pé e lhe dá densidade; e, a presença de propriedades de linguagem específicas a ela, - como a metáfora.

Tome-se como exemplo o texto de Agnes Félix (2013) *Aromas de especiarias e lábios de mel: Alimentação e erotismo nos Cânticos dos Cânticos*. A autora expõe, com um exemplo prático, o texto bíblico como uma fonte de pesquisa em estudos literários. O texto tem como objetivo compreender a relação entre alimentação e erotismo, tendo como *corpus* o texto bíblico *Cânticos dos Cânticos*, mais conhecido como o Cântico de Salomão. Félix percebeu que, também nesta obra, os alimentos estão para além de suas características nutricionais, transcendendo essa representação, podendo ser símbolos de desejos e paixões implícitas que também podem ser materializadas através de metáforas.

Tomando este referencial como ponto de partida, além da afirmação do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1989), que acredita que a literatura enquanto forma de arte pode ser tomada como modelo reduzido para compreensão da cultura, é que nascem as questões que animam este trabalho: “que ética estrutura os banquetes narrados no texto bíblico?”; “como essa ética ecoa nas nossas práticas alimentares atualmente?”. Portanto, este trabalho tem o objetivo de compreender a ética constitutiva de banquetes descritos na bíblia. Acredita-se que este seja um exercício de reflexão sobre o campo teórico daqueles que trabalham com alimentação e que acreditam, como Lévi-Strauss (1991), que aquilo que é bom para comer também é bom para pensar.

2. OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a ética constitutiva de banquetes descritos no texto bíblico.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir a idéia do texto bíblico como texto literário;

Elencar os banquetes descritos no texto bíblico;

Caracterizar os banquetes em termos de consumo, protocolos, motivações e público.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A COMENSALIDADE E OS BANQUETES

Orti (2007) afirma que comer e beber são, sem dúvidas, necessidades básicas para manter a vida humana. É dos alimentos e dos líquidos que o corpo humano retira a energia necessária para manter-se, sendo que a suspensão destes processos provoca a extinção gradual da vida. Assim, nada mais legítimo do que qualquer espécie utilizar todo e qualquer expediente para suprir suas necessidades vitais.

Todo ser vivo desenvolve processos e mecanismos para manter sua vida. Porém, um dos processos desenvolvidos que marcou profunda e definitivamente a existência humana e sua diferenciação quanto a outros homínídeos e outras espécies animais foi o ato de comer e beber juntos, ou seja, a comensalidade. Foi pela comensalidade que o homem passou a modificar seu comportamento alimentar, no qual deixou de ver o alimento apenas para fins nutricionais do corpo, mas também como função social.

A comensalidade, ou o ato de comer em conjunto, portanto, é ponto limitador entre o homem e o selvagem. Pois, enquanto esse último se alimenta apenas para satisfazer suas necessidades, se aproximando da animalidade, o homem não se alimenta simplesmente para responder suas vontades, ou seja, para suprir sua fome. Mas, por que a prática de se alimentar se torna um momento que haveria a sociabilização entre iguais (GONÇALVES, 2013, p. 20). Nas sociedades complexas antigas — sumérias, egípcias, hititas, assírios, gregos e romanos, por exemplo — imagens, artefatos e textos envolvendo alimentos e bebidas podem ser identificados com frequência nas mais diversas situações da vida cotidiana, como festivais religiosos, oferendas, festas sociais ou simplesmente uma refeição em família (GRALHA, 2013, 97).

O Banquete (MONTANARI, 1998, p. 119) pode ser definido como um elemento identificador de um grupo, as mesas podiam ser percebidas como um agente de agregação, união essa que só poderia ser exercida em um grupo de iguais.

Banquetes na Idade Antiga voltavam-se principalmente para três tipos de comensalidade: banquetes particulares, banquetes religiosos e banquetes de realezas.

De modo resumido, podemos enunciar que no banquete dos particulares a refeição em comum simbolizaria o acordo, e a partilha da bebida e da comida, constituiria a contra partida material da redação do contrato (JOANNES, 1998, p.56). Por outro lado, o fato de beber numa mesma taça estabeleceria uma fraternidade e alianças. No banquete real acontecimentos, status, privilégios e alianças seriam visíveis e para tal um cerimonial específico seria levado a efeito. Finalmente, no banquete com função religiosa o ofício teria por base a homenagem aos deuses, o que na Mesopotâmia, segundo o autor, deu origem a uma categoria especial de empregados (GRALHA, 2013, p. 98).

Observando a análise de Joannes (1998) podemos perceber então que existe uma diferenciação desde a Idade Antiga entre o prazer de comer e o prazer à mesa:

Assim devem ter sido, pela natureza das coisas, as origens do prazer da mesa, que convém distinguir do prazer de comer, seu antecedente necessário. O prazer de comer é a sensação atual e direta de uma necessidade que se satisfaz. O prazer da mesa é a sensação refletida que nasce das diversas circunstâncias de fatos, lugares, coisas e personagem que acompanha a refeição. [...] o prazer da mesa é próprio da espécie humana; supõe cuidados preliminares com o preparo da refeição, com a escolha do local e reunião dos convidados (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p. 170).

Millan (2002), reforçando a ideia estabelecida por Brillat-Savarin do prazer à mesa ser uma sensação nascida de diferentes circunstâncias, pondera que na alimentação humana se materializa a estrutura da sociedade, se atualiza a interação social e socioambiental, as representações socioculturais (crenças, normas, valores) que dão significado à ação social [...] dos que têm em comum uma mesma cultura. A abstração conceitual da cultura se concretiza no prato.

Gralha (2013) percebeu algumas possibilidades que podem ter de fato estruturado a comensalidade na sociedade. Como primeira possibilidade o consumo de alimentos e bebidas no âmbito privado, sobretudo familiar. O significado e simbolismo destas refeições poderiam ser remetidos ao estreitamento dos laços culturais e sociais da família e às relações fraternais entre seus membros.

Como segunda possibilidade citamos as comemorações sociais que estabeleçam legitimidades culturais, sociais e relações de poder. Um jantar de casamento ou uma refeição pela consolidação de algum negócio entre particulares, bem como entre nobrezas e realezas (assinatura de alianças e alianças, festa pela vitória em batalhas ou guerras, por exemplo). O

fato de partilhar o alimento ou uma bebida com valor simbólico pode expressar a materialidade e legitimar esse gesto ratificando socialmente aquele momento. Da mesma forma, tais comemorações deveriam ter monumentalidade. Ou seja, a demonstração de poder pela grandeza da comemoração estabeleceria visualmente uma dada legitimidade nas relações sociais e culturais de poder.

Como terceira possibilidade temos as comemorações e oferendas religiosas; no Egito Antigo o ka (relacionado à força vital) dos alimentos era ofertado aos deuses e aos mortos. Quando não fisicamente esta mesma ação poderia ser constantemente refeita ou reencenada pela utilização de uma iconografia de caráter mágico (GRALHA, 2013, p. 98).

Podem-se elencar exemplos que sublinham o fato de defende-se aqui - comer junto é expressão da condição humana e um dos meios de marcar esta dimensão da existência acontece nos banquetes. Como se torna perceptível nesses exemplos de banquetes reais e religiosos:

os banquetes aconteciam à noite na corte, e talvez na grande sala adjacente ao pátio interno. Um cerimonial rigoroso comanda desenrolar do banquete: o rei era servido primeiro e, quando queria honrar um dos seus convidados, ele mesmo lhe apresentava o prato do qual acabou de se servir. Em geral, os comensais ficavam reunidos em grupos definidos com antecedência e correspondendo a seu estatuto, profissão ou, para os embaixadores, seu país de origem. Eles são os “convidados pessoais” do soberano. É para este que convergiam todas as atenções, detrimento das “conversas da mesa” entre os comensais. Quando cada um tomava seu lugar segundo sua classe, passam os criados encarregados de apresentar a água para que todos lavem as mãos; depois, cada hóspede recebia um frasco de óleo perfumado com cedro, zimbro, murta, para se untar no começo e no fim da refeição. Em seguida, ele era servido de carne, grelhada e guisada, acompanhada de pão e legumes. A “sobremesa” era, em geral, composta de frutas e, sobretudo, de bolos adoçados com mel. Às vezes bolos eram moldados: várias formas foram encontradas nas cozinhas do palácio (JOANNÉS, 1998, p. 60).

Desde a época sumária (terceiro milênio), o ofício em homenagem aos deuses comporta uma oferenda alimentar. Este ofício alimentar oferecido aos deuses era uma característica do culto na Mesopotâmia e deu origem à constituição de uma categoria especial de empregados ligada ao templo, a dos prebendados. Tratava-se de artesãos os especializados na preparação de comidas: cervejeiros, padeiros e pasteleiros, açougueiros, queijeiros, etc., que recebiam da administração do santuário os produtos alimentares brutos e eram encarregados de preparar os pratos apresentados às estátuas dos deuses. Eles recebiam uma retribuição – às vezes uma parte dos produtos, com que podem ficar – e tinham direito a alguns pedaços da mesa divina quando se procedia à redistribuição. O ofício que devem executar era definido segundo o calendário litúrgico, e um mês de ofício junto a esta ou aquela divindade (JOANNÉS, 1998, p. 64).

Contudo, o que realmente importava era a partilha, mais do que a própria composição da refeição, uma vez que se trata, no presente caso, dos alimentos e bebidas mais elementares.

O que funda a refeição ou o banquete é esta comensalidade entre os participantes, que remete a uma das expressões da solidariedade básica do grupo familiar ou da comunidade (JOANNÉS, 1998, p. 57).

O gesto do banquete ao longo de toda a história cultural e social do Ocidente cristão (SARTI, 1999), além de expressar fausto, solidariedade, compartilhamento, confiança, evidencia também diferenças sociais, uma vez que as principais relações sociais exteriorizam-se à mesa. O comportamento alimentar passou a ser regido por normas sociais bem definidas de acordo com o seu país, a cultura, os padrões socioeconômicos, a idade, os alimentos sazonais, tradições etc., e isso ainda se protagoniza bastante na idade contemporânea.

3.2 O COMER JUNTO NA CONTEMPORANEIDADE: OS BANQUETES HOJE

O sentido da comida e da alimentação em rituais e confraternizações não é algo recente. Em registros antigos como a Bíblia já se encontram relatos que relacionam confraternização e comensalidade, como por exemplo, a Santa Ceia. Partilhar um alimento pode ter vários significados, dentre eles pactos, fechamento de contratos, a confraternização e o ritual (NIEBLE, 2010).

Dentro do significado da palavra comensalidade encontra-se a partilha do alimento entre duas ou mais pessoas. Apesar das mudanças ocorridas na maneira de preparar e compartilhar o alimento, o seu significado continua ultrapassando a mera necessidade fisiológica e ainda possui um sentido mais amplo, remetendo, assim, às relações entre as pessoas envolvidas (NIEBLE, 2010).

Fernandes (1997) apresenta alguns pontos interessantes sobre a comensalidade, sendo muitos deles cabíveis como ritos de passagem e festas tradicionais. O referido autor afirma que a comensalidade aparece como expressão de poder e que a mesa pode ser considerada um lugar de ritualizações que indica e diferencia os homens uns dos outros. Fernandes (1997) também afirma que participar da partilha na mesa significa ser companheiro e que essa transação muitas vezes também pode significar a porta de entrada em algum grupo social. Já tratando do meio familiar, em diversos momentos a comida exerce uma significativa função em festas familiares como, por exemplo, no Natal. Em outros casos que incluem os ritos de passagem como o nascimento e o casamento, a comida possui um valor de congregação e convivialidade.

A alimentação articula, portanto, dimensões sociais, psicológicas e fisiológicas, sua dimensão social pode ser vista nas escolhas feitas no meio natural, na seleção, classificação, obtenção e conservação da comida; no conjunto de tecnologias utilizadas no processo de transformação e produção dela; nas operações simbólicas, rituais e técnicas que participam da construção identitária do alimento e também nos hábitos alimentares, nos rituais que envolvem a incorporação desse. (NIEBLE, 2010):

A estrutura da jornada alimentar (número de tomadas alimentares, formas, horários, contextos sociais-), a definição da refeição, sua organização estrutural, as modalidades de consumo (comer com a mão, com palitos, com faca e garfo...), a localização das tomadas alimentares, as regras de colocação dos comensais[...] variam de uma cultura para outra e no interior de uma mesma cultura segundo os grupos sociais (POULAIN, 2006, p. 256).

Se avaliado outro ponto de vista discutido por Fernandes (1997), o mesmo demonstra uma realidade não tão suave se tomarmos as diferenças entre as classes sociais atuais. O referido estudioso discorre sobre a comensalidade dentro das classes mais abonadas e das classes mais pobres. Nota-se então a diferença na ritualização desse processo que para os mais ricos é repleta de um "refinamento estético", enquanto para as classes mais populares o grande valor na comida é a abundância.

O que se percebe é que o ato de se alimentar em conjunto sofreu uma série de modificações devido a diversos fatores. As principais mudanças introduzidas nas diferentes formas de receber e nos significados que o alimento vai adquirindo historicamente tem a ver com transformações mais profundas nas formas de produção social e nas consequências sobre a estrutura social e familiar, o que determina que as formas de sociabilidade doméstica modificam-se constantemente (NIEBLE, 2010).

[...] comer é uma atividade humana central não só por sua frequência, constante e necessária, mas também porque cedo se torna a esfera onde o indivíduo se permite alguma escolha. Representa uma base que liga o mundo das coisas ao mundo das ideias por meio dos nossos atos. Assim, é também base para nos relacionarmos com a realidade (MINTZ, 2001, p. 32).

A grande circulação de produtos alimentícios pelo mercado global se torna questão importante a ser pensada, percebendo-se que a distribuição deles foi um ponto importante de impulsão do capitalismo muito antes da chamada “globalização”. Mas, torna-se expressiva a

difusão de alimentos pelo globo nas últimas duas décadas do século XX. Não só há uma grande invasão de restaurantes *fast-food* norte americanos na Ásia, como também uma grande difusão de restaurantes familiares de comida asiática nos Estados Unidos (MINTZ, 2001).

Cascudo (2004) discorre sobre fatores negativos para a “deseducação” do povo frente à refeição, como por exemplo, a decadência da refeição realizada em casa. Isto é, há o abandono de pratos tradicionais da cultura por comidas fáceis encontradas em qualquer estabelecimento. A preocupação com a ingestão calórica também é vista pelo autor como uma vilã ao prazer de comer e de realizar uma refeição na companhia de outras pessoas. Cada vez mais os jovens trocam o “banquete” pela comida rápida. Sobre o mesmo tema, Fernandes (1997) pondera que o homem troca a mesa de sua casa por restaurantes onde o número de comensais na mesa é reduzido e não há necessariamente uma integração e sim uma refeição cercada pelo individualismo que um espaço cheio de desconhecidos impõe.

Para Levenstein (1998), a partir de 1946 até 1963 a sociedade norte-americana foi marcada pela era da família. O que quer dizer que milhares de lares foram fundados enquanto a indústria de alimentos se modernizava e oferecia uma comodidade denominada "pronto-para-servir". Aditivos, novas embalagens e eletrodomésticos super eficientes vieram para impressionar aos outros países com as "realizações" do capitalismo americano. Nesse sentido, as considerações gastronômicas, como o preço e a saúde, se tornaram secundárias em relação ao aspecto prático das coisas.

Dessa forma, os sabores alimentares foram deixando de ser um sinal de distinção social. Tudo se tornava mais acessível na era da "McDonalidização" dos costumes. Coca-cola, microondas, congelados e outros vieram a partir das décadas de 60-70 "ajudar" uma era marcada pela industrialização, pela urbanização, pela elevação do nível de vida e de educação, pela generalização do uso do carro e pela entrada da mulher no mercado de trabalho. Com tantas transformações no cotidiano das famílias, surge também uma tendência, a já citada alimentação fora do lar e seus restaurantes *self-service*.

No meio dessa modernização alimentar os grandes banquetes também se modernizam. Com o surgimento de *fast-foods*, onde um adolescente prefere lanchar com um ou dois colegas num shopping center, ao invés de comer em casa sozinho, os tradicionais banquetes de domingos na casa da mãe ou da sogra são transferidos para restaurantes em frente ao mar, restaurantes chineses, churrascarias, restaurantes vegetarianos, entre outros.

As festas tradicionais de São João, Natal, Corpus Cristi, Ano Novo vem se adaptando a novos pratos, cultura e mitos de alimentos que trazem algum significado novo. Aniversários, batizados, casamentos, recepções, reuniões normalmente são realizados em shopping, pubs, e terraços, destoando do modo no qual geralmente aconteciam e essas atuais formas de comensalidade promovem a interação com diversos indivíduos.

A Bíblia é considerada como uma das fundadoras da cultura ocidental, de seus valores, mitos, religião, crenças, costumes, língua etc., e entende-se que qualquer comportamento alimentar teve algum início, sendo assim, supõe-se que esse livro sagrado também influenciou e definiu algumas das nossas práticas alimentares desde a antiguidade até as que ainda mantemos nos dias de hoje, estando além de um texto dogmático como tem sido seu papel.

3.3 A BÍBLIA: LIVRO FORMADOR DA CULTURAL OCIDENTAL

A palavra *Bíblia*, em português, vem do plural grego *bíblia*, que significa “livros”, termo pelo qual os judeus de Alexandria designavam, já no século II a.C., constituir um dos fundamentos da cultura ocidental que se assentou sobre dois conjuntos de textos respeitados, judeus e gregos. Essa genealogia é com frequência resumida com o nome de duas cidades: Jerusalém e Atenas. Posteriormente, a palavra passou a se aplicar aos 73 livros ou Escritos que compõem o Antigo (46) e Novo Testamento (27) da igreja. O termo *Testamento*, um tanto surpreendente, traduz o grego *diathéké*, que remete ao ato pelo qual uma pessoa dispõe de seus bens (um testamento, portanto) ou estabelece uma convenção, um pacto com a outra. Na Bíblia grega, esse termo designou a Aliança de Deus com os homens, destacando a autoridade daquele que define o curso das coisas (SELLIER, 2011, p. 17).

A expressão “Livro dos livros” – conforme o modelo do “Cântico dos Cânticos”, ou seja, o Canto por excelência – destaca a excepcional soberania da Bíblia entre as obras escritas em todo o planeta. De longe, essa é a obra mais lida e mais traduzida do mundo. Seja na forma integral, seja limitada ao Novo Testamento, existindo em 2 355 línguas (SELLIER, 2011, p. 15).

Esses 73 livros ou Escritos, de gêneros literários diversos, de tamanhos variados, foram redigidos entre 850 a.C. e 110 d.C., não raro a partir de tradições orais muito mais antigas. As línguas empregadas foram o hebreu, o aramaico (língua semítica ancestral de siríaco, falada por Jesus) e o grego. O Novo Testamento chegou até nós em grego, língua de

cultura de todo o contorno do Mediterrâneo. A Bíblia é também designada como “Escritura” ou “Sagrada Escritura” (SELLIER, 2011, p. 17).

O livro cristão apresenta, contudo, uma unidade paradoxal. Judeus e cristãos deram-se conta dessa harmonia ao insistir sobre a “inspiração” das Escrituras. De fato, os autores repetem constantemente que não estão falando sobre si mesmos. Ninguém compôs de maneira mais sofrida que Jeremias a terrível exigência da Palavra Divina (6,1-7) e em Ezequiel, que inclusive precisa comer um livro, símbolo da Palavra Divina (2, 8 a 3, 4).

Ecoam continuamente as formulações: “A Palavra do Senhor me foi dirigida nesses termos...”, “Oráculo do Senhor”. A imagem do “fogo devorador” é recorrente desde a cena da Sarça Ardente até o Pentecostes. Quanto ao escritor do Apocalipse, ele abre o relato de suas visões da seguinte maneira: “No dia do Senhor fui movido pelo Espírito, e ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta, ordenando: ‘Escreve o que vês, num livro e envia-o às sete Igrejas’” (1, 10-11) (SELLIER, 2011, p. 24). Sendo assim, o livro que a civilização ocidental tem lido por séculos, na realidade compõe-se de uma “coleção” de obras variadas, surgidas em períodos diferentes, fruto do labor de uma gama de escritores, com estilos igualmente diversificados. Uma leitura mesmo superficial permite tais observações. Há poesias, textos legais, oráculos, ditos sapienciais, cartas, narrativas e textos apocalípticos criando um agrupamento multiforme de gêneros literários (FERREIRA, 2006).

Apesar desses dados elementares, a Bíblia não tem recebido, salvo poucas exceções, o tratamento “literário” a que tem direito. Como já diz Kermode (1997):

[...] a Bíblia, considerada como um livro, atinge seus efeitos por meios que não são diferentes dos geralmente empregados pela linguagem escrita. Isso é verdade quaisquer que sejam nossas razões para atribuir valor a ela – como o relato da ação de Deus na história, como o texto fundador de uma religião ou religiões, como um guia para a ética, como evidências sobre povos e sociedades no passado remoto e assim por diante. De fato, a análise literária deve vir primeiro, pois, a menos que tenhamos um entendimento claro do que o texto está fazendo e dizendo, ele não terá muito valor sob outros aspectos.

A dificuldade vivenciada por aqueles que abordam a Bíblia apenas como texto sagrado reside em um equívoco de base. Falta uma compreensão adequada do que é um “texto”, bíblico ou não, e de suas funções. Central para isso é o reconhecimento da literatura como *mimesis*, ou seja, imitação e representação da realidade, e como *poiesis*, isto é, como criação e transformação da realidade. Nenhum texto “é” o fato que narra ou a situação da qual testemunha. Em outras palavras, o processo de acesso a uma realidade do passado através da

literatura é mediado por alguém que escreve sobre tal situação, expressando seu modo de vê-la ou determinado ângulo de entendimento ou mesmo uma forma de criação do novo (FERREIRA, 2006).

A *poiesis* leva-nos a reconhecer que nenhum texto é apenas expressão do passado, mas uma ponte entre o que se deu em algum momento pretérito e o presente que se constrói no ato da leitura. Quando alguém lê, não toma conhecimento necessariamente de um fato histórico situado em determinado lugar do passado, ou de uma história ficcional, mas entra em relação dialética com o texto, sofrendo sua influência e, ao mesmo tempo, contribuindo com sua percepção particular de leitor sobre o conteúdo. Há, então, no processo de interação, a criação de uma nova realidade a partir da atuação da leitura sobre o leitor. Para tanto, os autores trabalham com certa liberdade para expressar seus objetivos, sendo que a principal delas é a inclusão de estratégias retóricas nos escritos que visam convencer aqueles que os leem. Não reconhecer essas características, buscando nos textos, inclusive os bíblicos, apenas descrições de uma realidade passada ou a voz divina de caráter atemporal, significa negligenciar aspectos fundamentais que regem a recepção de um texto literário (FERREIRA, 2006).

Portanto, a ideia de um grupo de livros considerado como unidade acarreta dificuldades para que se considere a Bíblia como literatura, visto que uma perspectiva “teológica” passa a ocupar o foco central em sua interpretação. Nessa ótica, é necessário que toda ela apresente um único discurso, o que suscita, principalmente em círculos conservadores de interpretação, discussões intermináveis. Some-se a isso o princípio generalizado: “a Escritura interpreta a Escritura”, que pode trazer consigo uma disposição interpretativa anti-histórica. Portanto, mesmo que na academia nos refiramos à Bíblia no plural, a leitura massiva por parte de milhões de pessoas ainda é a preponderante (FERREIRA, 2006).

Por outro lado, tem havido a tendência, cada vez maior, de derrubar barreiras divisórias, em uma perspectiva pragmática, considerando que o próprio cânone é estabelecido acima de tudo pela sociedade. A diluição cada vez maior dos gêneros literários clássicos igualmente contribui para esse estado de coisas. Qualquer produção cultural: um romance, um texto histórico, um diário, sermões, ou mesmo a letra de uma música funk, é considerada literatura (FERREIRA, 2008).

Uma obra literária não é uma “cópia” ou “descrição” da realidade, mas, que em uma instância preliminar, por usar a linguagem que se constitui em “signos” gráficos e sonoros, ela é uma reconstrução do mundo a partir da percepção do artista, de modo a transmitir aos

leitores uma visão particular da realidade. Soma-se a esses elementos o “estético”, entendido como a função do texto primordialmente voltada para si mesma, mediante seus dados internos, que o mantém em pé e lhe dá densidade, independente de vínculos práticos ou funcionais com o real. Tais conceitos teóricos não desconectam a obra literária da realidade, mas permitem entender que dela se ausenta para construir outra realidade, esteticamente bela e convincente. Além da presença de propriedades de linguagem específicas a ela, encontra na linguagem metafórica seu principal vetor, criando aquilo que os formalistas chamaram de “desfamiliarização”, ou seja, o estranhamento criado por determinada apropriação da linguagem e de recursos literários, de modo a diferenciar-se do uso cotidiano (FERREIRA, 2008).

4. METODOLOGIA

4.1 JUSTIFICATIVA PARA SELEÇÃO DO *CORPUS*

A Bíblia neste trabalho é tomada como texto literário (ALMEIDA, 2008). Sua escolha - em um trabalho que tenta compreender o fenômeno cultural da comensalidade - justifica-se pois esta é um das obras, ao lado das narrativas mitológicas gregas e dos escritos do direito romano, mais lidas no mundo e que influencia em sobremaneira a cultura ocidental, conforme destaca Sallier (2011).

O *corpus* específico de análise é delimitado pelo Velho testamento (VT), de Gênesis ao livro de Malaquias; e os quatro evangelhos do Novo testamento (NT), do Evangelho de Mateus ao de João. Estes livros foram escolhidos pelo fato de o VT mostrar o cerne do nascimento de um povo cristão (e também judaico) delimitando suas leis, padrões de comportamento e história; quanto aos evangelhos, esses delimitam um momento de ruptura e estabelecimento de uma nova igreja, com o nascimento e morte de Jesus Cristo, fundadores de uma ética cristã moderna.

4.2. TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* foi analisado a partir da metodologia de análise temática, que é um tipo de análise de conteúdo. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), a análise temática é um procedimento gradual de redução do texto qualitativo. Inicialmente, realiza-se a primeira redução, na qual os textos foram parafraseados em sentenças mais sucintas. Após isso, efetua-se uma segunda redução em que as sentenças foram parafraseadas em palavras-chaves. “Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido”. (BAUER; GASKEL, 2002. p. 107).

Texto	1a redução	2a redução
<p>Então, lhe disse o rei: Que é o que tens, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará. Respondeu Ester: Se bem te parecer, venha o rei e Hamã, hoje, ao banquete que eu preparei ao rei. Disse o rei a Ester, no banquete do vinho: Qual é a tua petição? E se te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino (Ester 5:3-6).</p>	<p>Convite a um banquete ao rei Assuero e à Hamã pela rainha Ester.</p>	<p>Convite, rei, inimigo, banquete.</p>

A partir disso, as palavras da segunda redução foram organizadas em categorias para serem interpretadas e analisadas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 A ÉTICA ALIMENTAR DOS BANQUETES BÍBLICOS

Os banquetes bíblicos fornecem inúmeros exemplos de como a vida antiga foi centrada em torno das refeições. Em relação à questão inicial deste trabalho – que ética é fundada a partir destes banquetes – puderam ser classificadas algumas linhas de reflexão: a Ética da Passagem, a Ética da Comunhão e a Ética do Poder. Isso, ademais, nos fez criar uma reflexão sobre a conduta do homem em relação às suas práticas alimentares exercitadas na contemporaneidade.

5.1.1 Ética da Passagem

Pode-se dizer que são movidos por uma ética da passagem os banquetes que, inseridos no sistema alimentar apresentado no texto, têm como principal objetivo marcar uma mudança na vida de um indivíduo ou coletividade. Conforme podemos compreender com a ideia de *passagem* sugerida por Van Gennepe (2013):

[...] é o próprio fato de viver que exige às passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (VAN GENNEPE, 2013, p. 24).

Uma vez que pontuam momentos de transição e são atos simbólicos sublinhados pelas práticas alimentares. No *corpus* analisado foram encontrados banquetes que explicitam a ética da passagem: como os banquetes de casamentos, aniversários e os fúnebres.

Quadro 1. Banquetes marcados pela ética da passagem

Livro, capítulo e versículo	Tipo do banquete	Anfitriões	Razão do banquete	Público convidado	Alimentos/preparações consumidos
Gênesis 29:22	Casamento	Labão	Comemorar o enlace matrimonial entre Jacó e Raquel. Negociação entre Labão e Jacó	Família e amigos	Não relatado
Ester 2: 18	Casamento	Assuero	Comemorar o enlace matrimonial entre Assuero e Ester	Todos os cidadãos da cidade	Não é relatado
Gênesis 40:20	Aniversário	Faraó	Comemorar o nascimento do Faraó. Assassinato do padeiro	Todos os cidadãos da cidade	Não relatado
Marcos, 6:21	Aniversário	Herodes	Comemorar o nascimento de Herodes. Assassinato de João Batista	Príncipes da Galiléia	Não é relatado

Samuel I, 25:36	Fúnebre	Nabal	Comemorar sua vitória sobre Davi	Nabal	Não é relatado
--------------------	---------	-------	--	-------	----------------

Fonte: dados da pesquisa

As primeiras menções que temos na história ocidental aos matrimônios são descritas em textos bíblicos. Nesses relatos os cônjuges eram expostos a algum ritual religioso para oficializar o enlace. Aqui serão destacadas pelo menos dois fragmentos que se referem à passagem dos matrimônios: o casamento de Jacó e Raquel e o casamento do rei Assuero e Ester. Duas cerimônias com diferentes propostas, mas com a mesma finalidade: celebrar o contrato matrimonial.¹

(1) Jacó, filho de Rebeca quando chega em Harã conhece a pastora Raquel e descobre que também ela é sua prima, filha de Labão, irmão de sua mãe. Jacó, no momento que conheceu Raquel, amou-a e prometeu servir a Labão por sete anos para ter a sua filha. Após esse tempo, Labão não entregou Raquel, mas sim Lia, filha mais velha, visto que era de costume casar a filha mais velha antes da mais nova. Jacó, então, serviu a Labão por mais sete anos para ter sua amada e quando o tempo se completou Labão entregou Raquel. Para selar cada um dos casamentos Labão ofertou banquetes públicos entre amigos e familiares oficializando seu acordo com Jacó.

(2) Já no segundo caso, tem-se o exemplo do banquete que marca o matrimônio do rei Assuero com Ester. O rei Assuero, após afastar Vasti como rainha do seu reinado, vai em busca de uma nova mulher. A escolhida foi Ester, uma jovem cheia de formosura. Ester encantou o rei Assuero e o próprio sabia que a presença de uma nova rainha em seu reinado demonstraria mais confiança para o povo. Foi realizada uma cerimônia de casamento em comemoração, sendo selada publicamente com um banquete para todos os cidadãos de Susã. Tal repasto convivial ficou conhecido como o *Banquete de Ester* onde o rei distribuiu presentes segundo sua generosidade.

¹ De acordo com Souza (2008), a constituição do casamento civil é um contrato entre Estado e duas pessoas com o objetivo de constituir família. Conforme Costa (2007), o casamento religioso é uma celebração em que se estabelece o vínculo matrimonial das regras de uma determinada religião. Este se submete as regras da respectiva religião e independe do seu reconhecimento pelo Estado ou pela lei civil para ser válido.

Como se pode perceber, os casamentos, já no relato bíblico, tinham como função marcar uma passagem que, mais do que um laço afetivo, constituíam-se em um contrato, um negócio realizado a conselho de seus pais, tutores ou ancestrais (Labão, Mardoqueu ou Mordecai, esse último primo e tutor de Ester).

Ainda na Idade Antiga tem-se como exemplo os matrimônios gregos. Relatos históricos da cidade de Atenas mostram que o noivado era uma espécie de contrato celebrado entre os pais dos noivos, que vinham a público com uma mesa bastante farta oferecida no dia do casamento pelo pai da noiva. “Durante o banquete trocavam-se presentes e comiam-se bolos de sésamo, o qual se acreditava favorecer a fecundidade que também servia para selar”. (FONTOURA, 2011, p. 21)

O principal papel do casamento, portanto, era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade (ARAÚJO, 2002). Labão procurava uma ética comunitária com o casamento de Jacó e Raquel; Assuero intencionava assegurar seu poder, manutenção dos limites territoriais e perpetuar sua linhagem; Mordecai, por sua vez, preocupado com o destino do povo judeu, pauta pela ética judaica: por um lado, é preciso ser fiel ao rei da terra na qual se vive e, ao mesmo tempo, não se pode esquecer quem ele é e qual a responsabilidade que lhe cabe por isso. Sendo assim, soube dar a Ester as orientações adequadas para a consolidação desta passagem: de judia deportada à Imperatriz da Pérsia.

De acordo com Ferraz [2011?] durante a Idade Média a cristianização do Ocidente trouxe novos costumes matrimoniais. A coroação de Calos Magno, no ano de 800 d.C. tornou o casamento um sacramento religioso, com forte carga social e simbólica. Carga que, em grande parte, perdura até hoje.

Grandes mudanças nessa instituição, todavia, segundo Ariès (1987), ocorreram com a modernidade. A valorização do amor individual, o aumento na expectativa de vida, a inserção da mulher no trabalho, foram os principais eventos relacionados aos câmbios sofridos no matrimônio enquanto instituição. Zordan (2003) afirma que as mudanças sociais ocasionaram também uma mudança da hierarquia familiar em direção a um ideal de igualdade. O homem e a mulher procuram a igualdade profissional, social e pessoal.

Ainda assim, os costumes observados em famílias ou entre povos mais conservadores são essencialmente os mesmos que os praticados nos períodos bíblicos. Hoje, por exemplo, na Palestina existem casamentos operados por meio de contratos e normalmente os pais são os intermediários explícitos e diretos dessa contratação. Os noivos se casam jovens, homens por

volta dos dezoito anos e as noivas meras crianças com idades em torno de doze ou quatorze anos. Casar era e ainda é, em muitos casos, a marca de um contrato familiar. Um noivado formal precede o casamento por vários meses. Em tal noivado os pais e amigos se reúnem. Um escriba elabora um contrato em que se afirma a quantia do dote. Quando tudo é organizado e acordado, os dois pais apertam as mãos ante testemunhas. Eles então, perguntam se os seus filhos concordam com a proposta. Em caso afirmativo, o noivo toma uma taça de vinho e exclama: "Bendito és tu, ó Senhor, o Rei do mundo, que tens nos santificou com os teus mandamentos."

É habitual quebrar um copo de vinho como lembrete de que em meio a todas as alegrias há tristeza. Após a leitura do documento pelo rabino, as mães dos noivos quebram um prato de porcelana. O prato de porcelana é quebrado para indicar que como a porcelana nunca pode ser consertada, um contrato de noivado quebrado é muito grave (MASTERMAN, 1903).

Ao término da cerimônia, o noivo agradece aos convidados, oferecendo roscas e doces preparados por sua mãe. Já a noiva, leva um bombom ou um torrão de açúcar ao cruzar a porta da casa paterna em direção à vida nova. Bolos, tortas e pastéis à base de mel são os doces mais populares, mas também existem doces com batata-doce, laranja, ricota e damasco. (OLIVEIRA, [2014?]). Todos partilham deste pão comum como forma de selar o sacramento ritual de comunhão. "A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto, é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um "sacramento de comunhão". A união assim formada pode ser definitiva" (VAN GENNEP, 2013, p. 43).

Em todos os casos, mesmo com as mudanças que ocorreram no decorrer da história, tendo em um momento a valorização do contrato público, ou em outro o relevo da benção divina, tem-se a necessidade de selar o contrato com uma celebração comensal. Em geral, após a cerimônia do casamento ocorre a realização de um banquete como comemoração e comprovação do ritual. Como apontam os trechos dos livros de Gênesis e de Ester: "...disse Jacó a Labão: *Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar e deu um banquete*" ou "*O rei deu um grande banquete, o banquete de Ester, para todos os seus nobres e oficiais. Proclamou feriado em todas as províncias e distribuiu presentes por sua generosidade real.*" Outros textos de caráter sumariamente histórico apontam o mesmo costume, como por exemplo:

Na Assíria do fim do terceiro milênio, o fato de untar a cabeça de uma moça livre ou organizar um banquete de núpcias bastava para legitimar um casamento. Um

documento de contabilidade babilônico do princípio do segundo milênio mostra que, durante um casamento, o pai da noiva encarregava-se de distrair seus convidados e os do noivo, até que este partisse com sua mulher, depois de terem recebidos presentes, dentre os quais produtos alimentares durante a festa. A cerimônia em si comportava, entre outras coisas, uma troca simbólica de iguarias dispostas em uma mesa-bandeja, que eram consumidas, uma após a outra, pelas famílias da noiva e do noivo, criando assim um laço suplementar entre eles (JOANNÈS, 1998, p.56).

Por que a necessidade de marcar essa passagem contratual com comida? Oferecer e compartilhar comida, nestes casos, poderia simbolizar o desejo de criar laços (JOANNÈS, 1998). A comensalidade em tais momentos funciona como um sinal da aceitação da participação do indivíduo dentro de determinado círculo social: uma nova família, um novo povo (LE HOUEROU, 2006). Os convidados são convocados a comungar deste pão como co-partícipes desse jogo de interações sociais, tendo em vista a necessidade de tornar público o contrato firmado. A passagem explicita-se.

Algo interessante a considerar é que não se sabe ao certo o que se consumia nos banquetes de casamentos bíblicos. A exceção em termos de descrição de alimentos aparece no episódio bíblico marcado pelo milagre de multiplicação do vinho no episódio conhecido como as *Bodas de Canã*. O relato bíblico não indica o nome dos noivos. O que se narra é que havia uma festa de casamento num lugarejo pobre e esquecido da Galiléia, chamado Canã. O nome significa “lugar de canas”. Os noivos eram pobres, pois se fossem ricos, provavelmente, não faltaria o vinho. Os convidados são Jesus e os seus discípulos. Ao chegar na festa, Jesus percebeu a falta de vinho para a cerimônia e, então, mandou buscar talhas com água e ali mesmo operou o milagre. Quando o anfitrião provou a água nas talhas elas tinham sabor de vinho.



Figura 1: *Bodas de Canã*. Paolo Veronese. 1562-1565, Louvre, Paris. Fonte: <http://bit.ly/1zKLfPG>

Portanto, em se tratando de banquetes, percebe-se que há na bíblia um relato insuficiente dos alimentos consumidos durante os rituais, com exceção para as comidas que, com o decorrer da narrativa, passam a revestir-se de caráter sagrado. O vinho, por exemplo, é um alimento que juntamente com o pão e o azeite foram revestidos de caráter sagrado e litúrgico pela Igreja (MONTANARI, 2003). A descrição de alimentos do *Cântico dos cânticos*, por outro lado, revestem-se mais de caráter metafórico, transcendendo sua importância e representação como apenas nutrientes, mas representando desejos e paixões implícitas (FELIX, 2013). Quais poderiam ser as causas para essa omissão descritiva com relação aos alimentos?

Uma das razões levantadas para isso pode ser atribuída à conotação de pecado atribuída pela Igreja ao alimento enquanto objeto de desejo. A gula é um dos pecados capitais. Quellier (2011) mostra que, entre todos os pecados capitais, a gula é tida por essa instituição como aquele mais grave, visto que incita aos outros vícios carnis, principalmente à luxúria.

Desejar a comida para além de sua função de subsistência seria o primeiro passo para incorrer em pecado.

Sobre esta afirmação, pode-se mencionar a narrativa relativa ao maná oferecido aos judeus. Tal como é narrado no livro do Êxodo, o maná refere-se ao “pão do céu” (*Exôdo 16:4*), o alimento diário dado por Deus ao povo de Israel durante os quarenta anos da sua travessia pelo deserto em direção à terra prometida: “eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como geadas sobre a terra. Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros: “que é isto?”, pois não sabiam o que era aquilo. Disse-lhes Moisés: “Isto é o pão que o Senhor vos deu para comer.” (*Exôdo 16:14,15*). Por meio deste alimento, Deus respondeu às dúvidas do seu povo que tinha murmurado contra si, pois tinham fome (CABRAL, 2013, p. 16) Todavia, após alimentarem-se deste maná por décadas, os judeus reclamaram a Moisés e a Deus: “Dá-nos carne a comer” (*Exôdo, 11:13*).

Com este pedido provocaram a ira de Deus, considerado que desejaram outra coisa que não o maná, desejou-se mais que satisfazer a fome, provocando, assim, a ira divina, sendo, portanto, castigados. Deus toma a decisão de punir os insatisfeitos, providencia uma chuva de codornizes por um mês inteiro para que os judeus se fartassem e morressem com carne em seus dentes. O pecado levou Deus a retirar a dádiva do “alimento dos céus”. Os judeus pecaram, pois desejaram ao sabor mais que à subsistência. Não obstante, negar os alimentos e seu potencial para regalar o corpo poderia ser tomada como uma das hipóteses para a não descrição dos alimentos que eram servidos nos fartos banquetes. Poderia ser perigoso manter essas apetitosas descrições no relato sagrado.

Entretanto, ainda que não se possa produzir uma lista com os alimentos comuns aos banquetes, podem-se demarcar algumas características comuns a eles: eram ofertados ao público, em geral aos familiares próximos, amigos e comunidade, tendo como anfitriões sujeitos da passagem ou os pais. Os banquetes de casamentos atuais guardam algumas semelhanças com tais festejos, visto que continuam sendo ofertados para pessoas próximas, sendo momentos para marcar socialmente esta passagem contratual. A decoração, as atrações, a culinária e vestimentas para a ocasião foram se adaptando ao tempo que são realizados dependendo da cultura. Em geral, os grandes banquetes de casamento são distintivos de luxo e marcam socialmente a união de famílias abastadas (FONTOURA, 2011).

Os casamentos são, portanto, modelos de ética de passagem porque representam uma mudança expressa na vida social de duas pessoas. São passagens idênticas para ambos e com

um único objetivo: atravessar a etapa do estado de noivos para casados. É um dos ritos mais importantes para a sociedade na vida e a partilha comum de alimentos serve como prova para essa mudança. “A comensalidade promove uma forte e expressiva convivialidade em circunstâncias particulares. Congrega pessoas por ocasião dos ritos de passagem, nomeadamente o nascimento e o casamento.” (TEIXEIRA, 1997, p. 17). Portanto, o consumo de alimentos neste caso é ritual, sendo o rito algo que coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário (TERRIN, 2004).

Outro ritual de passagem marcado por banquetes são as comemorações dos natalícios, ou seja, os aniversários. Destaque no texto bíblico para os aniversários de Faraó e para o aniversário de Herodes.

(1) Faraó, o rei do Egito, ao ser ofendido pelo seu copeiro e padeiro mandou prendê-los. Ambos os presos tiveram sonhos; José, filho de Jacó, relevou o significado dos sonhos deles, dizendo o copeiro a José que tinha visto uma videira da qual brotaram três ramos com cachos de uva. As uvas amadureceram e ele as espremeu no copo de Faraó. Com a ajuda de Deus, José logo entendeu o significado desse sonho. Ele disse ao copeiro que os três ramos significavam três dias e que, após esse tempo, Faraó lhe daria novamente o cargo de copeiro. Da mesma forma José interpretou os sonhos do padeiro: no sonho havia três cestos de pães sobre a cabeça dele, bem como aves que comiam o que havia em um dos cestos. A resposta desse enigma foi revelada a José, que trouxe à tona a interpretação: os três cestos são três dias. Daqui a três dias, Faraó te levantará a cabeça de cima de ti e certamente te pendurará numa madeira e as aves irão comer a tua carne de cima de ti. E da forma que foi dita aconteceu: o copeiro foi repostado a copeiro chefe e o padeiro foi assassinado. “E aconteceu ao terceiro dia, o dia do nascimento de Faraó, que fez um banquete a todos os seus servos; e levantou a cabeça do copeiro-mor, e a cabeça do padeiro-mor, no meio dos seus servos” (*Gênesis 40:20*).

(2) Já na comemoração do aniversário do rei Herodes, a filha de Herodias, Salomé, se apresenta ao rei e demais convivas. Após sua apresentação o rei jura-lhe qualquer coisa que pedir. A moça, orientada pela mãe, diz a ele que deseja a cabeça de João Batista. O rei concede tristemente o pedido. Perante outras autoridades e líderes da Galiléia, a cabeça de João Batista é servida em um prato.

pediu ao rei, dizendo: Quero que imediatamente me dê num prato a cabeça de João o Batista. E o rei entristeceu-se muito; todavia, por causa do juramento e dos que

estavam com ele á mesa, não lha quis negar. E, enviando logo o reo o executor, mandou que lhe trouxessem ali a cabeça de João. E ele foi, e degolou-o na prisão; E trouxe num prato, e deu-a à menina, e a menina a deu a sua mãe (*Marcos 6, 25:28*).

Os aniversários citados nas passagens bíblicas nos atentam para o trágico: o assassinato de duas pessoas em um momento de festejo natalício. O copeiro e João Batista foram vítimas do poder dos seus reis, uma ação nada incomum na Idade Antiga. O tom trágico dos aniversários coloca a passagem do nascimento frente a frente com a passagem fúnebre.

Linda Rannells Lewis [2010?] escreve que a comemoração de aniversários na história remonta milhares de anos. Em civilizações antigas o desenvolvimento de calendários envolvia a organização dos horóscopos dos monarcas no poder, de seus sucessores e rivais, pois as perspectivas dos poderosos afetariam as perspectivas de toda uma sociedade. Além disso, na Roma Antiga as pessoas acreditavam que, na data de comemoração de seu natalício, o aniversariante poderia ser ferido por espíritos malignos. Uma vez que, nesta data, amigos e parentes se reuniam para protegê-lo: fazendo felicitações, transmitindo bons augúrios, dando-lhe a oportunidade de fazer desejos (LEACH; FRIED, 1984).

Um dos gestos dessa celebração que reveste-se de caráter mágico é a queima da vela. Esse costume é baseado nos três princípios mágicos de concentração, força de vontade e visualização. Em termos simples, aquele que quer que o seu desejo se concretize necessita se concentrar (soprar a velas), esperar que ele se torne realidade (força de vontade) e visualizar o resultado final (faça um desejo) (HOLIDAY AND BIRTHDAYS, 1987).

Os textos bíblicos não especificam o que se comia ou bebia por ocasião destes aniversários. Mas, acredita-se que o costume de consumir guloseimas durante o festejo remonte à Antiguidade, tendo sua provável origem nas festas de culto aos Deuses da Antiguidade. Atribui-se à Deusa Ártemis, celebrada pelos gregos como a matrona da fertilidade, o aparecimento de uma espécie de bolo de aniversário. Ele é, provavelmente, a evolução de um preparado de mel e pão, no formato de uma lua, que fiéis levavam ao famoso templo em homenagem a ela em Éfeso, antiga colônia grega na atual Turquia.

Já o uso de velas também teria sido herdado do culto aos Deuses antigos, que tinham a missão de levar, por meio da fumaça, os desejos e as preces dos fiéis até o céu para que eles fossem atendidos. (CAVALCANTE, 2007) Todavia, a tradição estrita do bolo e das velas conforme conhecemos originou-se no século 18, na Alemanha. (GAGE, 2012). A vela ainda

mantém a mesma intenção: realizar o pedido do aniversariante, já o bolo ganha o significado de alimento mais importante de comemoração daquela passagem. Em 1746, o conde Ludwig von Zinzendorf de Marienborn, Alemanha, comemorou seu aniversário. Andrew Frey, um dos convidados, fez um relato detalhado:

[...] a mesa também foi feita, representando as letras iniciais do nome da pessoa que era o assunto do festival; havia um bolo tão grande quanto qualquer forno poderia ser encontrado para assar, e buracos feitos no bolo de acordo com os anos de idade da pessoa, cada um tendo uma vela preso nela, e uma no Oriente; a parte externa do Tribunal de Justiça foi decorada com festões e folhagem [...] (GAGE, 2012, p. 1).

Há poucas referências a bolos de aniversário antes de 1850. Em 1800, em Londres, na edição do livro *Ginástica para Juventude* (traduzido do alemão), de Christian Salzmann, encontramos a seguinte breve passagem "antes de seu sexto bolo de aniversário ser colocado no forno." Em um artigo amplamente divulgado publicado em 1843, a Sra Abell escreve que o exilado Napoleão Bonaparte ganhou em seu aniversário, de um amigo inglês, "um bolo decorado com uma grande águia". Os norte-americanos foram lentos em adotar a tradição alemã de acender uma vela para cada ano de vida de uma pessoa. (THE NEW..., 1843). As primeiras referências em jornais americanos e revistas para a vela, tradição de aniversário, não aparecem até o início da década de 1870. A revista *Ladies Repository* (1871) é uma das primeiras publicações americanas para promover a tradição da vela alemã na América. Ele afirma: "O enorme, decorado, bolo de aniversário é colocado no centro da mesa, e em torno dela são várias velas acesas, de tamanho, de duração e número com a idade da criança". O canto de versos de hinos nunca ganhou força, mas o canto de uma canção após as velas serem acesas tornou-se uma parte da tradição. (GAGE, 2012).

Festas de aniversários não são relacionadas, em grande parte do mundo, com qualquer espécie de religião, ao contrário do casamento que passou a ser um ato de grande relevância religiosa nos últimos séculos. Algumas religiões, como as Testemunhas de Jeová, inclusive, não celebram aniversários. Os adeptos deste credo levantam algumas razões para isso: (1) a origem dos aniversários é pagã; (2) os primeiros cristãos não comemoravam aniversários; (3) a única celebração determinada a ser observada pela bíblia é a comemoração da morte de Cristo; (4) a bíblia não comenta que servo algum de Deus tenha comemorado aniversário, ao contrário, ela só apresenta duas únicas passagens em todo o livro, nas quais ocorrem assassinatos. Tal fato, mais que uma omissão, seria um indicativo divino de que tais festas não

deveriam ser celebradas. Evitam ainda cumprimentos, visitas aos parentes no dia de seus aniversários e festejos pessoais.

Hoje em dia, em grande parte do mundo, as festas de aniversário seguem obedecendo a uma ética da passagem. Todos os parentes e amigos são convidados à festa, esses trazem presentes, alimentos e objetos que denotam bom augúrio, além de suas felicitações. Van Gennepe relata que, em alguns casos, a avó materna desempenha importante papel. No segundo e no terceiro mês os pais oferecem presentes aos parentes e amigos em troca dos que receberam por ocasião do parto e no fim do primeiro mês (biscoitos redondos). No quarto mês se agradece a “Mãe” oferecendo-lhe presentes trazidos ou enviados pela avó materna. Faz-se uma refeição em comum com a família e convidados, instalando-se depois cerimonialmente pela primeira vez a alimentação (VAN GENNEPE, 2013, p. 65).

Nas passagens bíblicas não é relatado o que compunha os banquetes de aniversários, só sabemos que são públicos, até mesmo pelo fato de os aniversariantes serem autoridades. Nas duas passagens bíblicas, o Faraó e Herodes são os anfitriões da celebração. No aniversário do Faraó estão todos os cidadãos do Egito e no aniversário de Herodes são convidadas apenas as autoridades da Galiléia. Nestes rituais, partilhar a comida servia como forma de expressar a generosidade, fausto e poder dos soberanos. Reis gostavam de serem vistos como autoridades generosas, tanto que ofereciam sacrifícios a vários Deuses através da comida. A verdadeira partilha dos soberanos era a exibição de suas posses e riquezas, o que remete à questão levantada neste trabalho sobre a *ética do poder* que habita os banquetes bíblicos (ver seção 5.3).

Outro tipo de ritual de passagem que merece ao menos ser mencionado é o ritual fúnebre. É no início do Paleolítico que este contato do homem com a divindade, com o sobrenatural é instituído inicialmente. Este fato é reconhecido por uma nova forma de sepultar os mortos (MITHEN, 2002. p 66). Os seres humanos, procurando manter um elo com o mundo divino, sempre cercaram seus mortos com cerimônias dos mais variados tipos. Mithen (2002) também discute que o processo de sepultamento, seguido por rituais, sinaliza uma alteração no pensamento dos primeiros homens modernos em relação aos homens arcaicos.

Os primeiros homens modernos passam a sepultar seus mortos, promovendo ritos fúnebres que utilizavam o totemismo com carcaças ou imagens de animais sendo depositadas nos túmulos, caracterizando o morto com peculiaridades do animal em questão. Havia também a destruição de objetos e animais pertencentes ao morto, em sinal da sua perda e do sofrimento

dos seus. Seguindo a entrega dos presentes em sacrifício, ocorria o banquete, outro estágio do ritual fúnebre.

A mesa farta, em um período longo da Antiguidade, era consumida e preparada ao lado da pira ou do sepulcro do morto, mas, em certo momento da história, passou a ser preparado em casa e consumido à mesa, onde as pessoas imaginavam que o morto se encontrava presente. Após tal momento, aconteciam os jogos fúnebres. Estas competições ocorriam para celebrar e honrar o falecido, além de estabelecer uma função social, característica dos rituais mortuários, os jogos também serviam para obtenção do prestígio, pois quanto mais honra recebia o morto, mais importante este era (BURKERT, 1993, p. 72).

O banquete funerário era parte essencial dos ritos fúnebres no Egito e para que o falecido pudesse absorver a energia vital dos alimentos inseriu-se o Ritual de Abertura da Boca nas múmias egípcias. Destinava-se, antes, às estátuas régias e às estátuas divinas, a fim de prover o sopro de vida que as animaria e permitiria, portanto, que se beneficiassem do culto a elas destinado. Assim o *ka* das estátuas poderia receber e se beneficiar, magicamente, das oferendas de alimentos que eram depositadas diariamente pelos sacerdotes. Os primeiros testemunhos que possuímos desse ritual remontam ao Faraó Quéops, da IV dinastia. (JOÃO, 2011, p. 7). Van Gennep (2013) nos dá um exemplo de ritual fúnebre:

As cerimônias fúnebres dos Kol da Índia fornecem um bom exemplo de combinação de ritos profiláticos conhecidos como ritos de passagem [...] semeiam-se grãos de arroz no caminho e colocam-se alimentos diante da porta para que o morto, caso volte apesar de todas as precauções, tenha o que comer sem fazer mal a ninguém; levam-se para longe todos os utensílios, que se tornaram impuros, supondo-se que o morto neles se tenha escondido; purifica-se a casa mediante uma refeição consagrada; ao fim de certo tempo vem a cerimônia das “núpcias” ou da “união” do morto com a população do mundo inferior [...] (VAN GENNEP, 2013, p. 132).

A celebração da Páscoa também é uma celebração fúnebre por comemorar, não a vinda de uma vida ou a união de duas pessoas, mas a passagem de vida para morte de Jesus Cristo. A própria palavra Páscoa significa passagem e não paixão como muitos acreditam. Na Antiguidade, a festa da Páscoa era festejada com representação na libertação do povo de Israel, que ficou em cativeiro sob domínio egípcio. A refeição pascal era realizada com ervas amargas, pães ázimos e cordeiro assado.

Cada alimento tem em si um significado: ervas amargas representavam o amargor da vida do povo durante a escravidão no Egito; pão ázimo a pressa de fugir em viagem; uvas e

trigo sinal de prosperidade; leite e mel as promessas de Deus de uma terra boa; frutas doces representando a ação de Deus em favor dos oprimidos e oprimidas; água com sal representando o suor do povo na execução do trabalho forçado; ovo cozido era símbolo de resistência frente às forças opressoras (MARTINS, [2011?]). A partir do conhecimento do Novo Testamento e da Última ceia que Jesus participou a Páscoa passou de celebração da libertação do povo de Israel para a celebração a memória de Cristo e a sua passagem na terra, o dia da Páscoa é o aniversário de morte de Cristo.

No corpus da pesquisa, além disso, o banquete que Nabal preparou para si mesmo após uma discussão com Davi culmina com a morte do vil Nabal, como refere o relato bíblico. Talvez como um lembrete ao pecado da gula, ele falece após se fartar de tanta comida e bebida:

e, vindo Abigail a Nabal, eis que tinha em sua casa um banquete como de rei; e o coração de Nabal estava alegre nele, e ele já muito embriagado, pelo que ela não lhe deu a entender coisa alguma, pequena nem grande, até à luz da manhã. Sucedeu, pois, que pela manhã, estando Nabal já livre do vinho, sua mulher lhe deu a entender aquelas coisas; e se amorteceu o seu coração, e ficou ele como pedra (*Samuel I, 25:36-37*).

Aniversários e rituais fúnebres compõem a ética da passagem devido à mudança de mais uma etapa da vida. Aniversários, a celebração de mais um ano de vida marcada por um ritual comum e individual que uma pessoa atravessa a cada ano; rituais fúnebres, a passagem mística de etapa de vida física para uma não-física.

Os ciclos cerimoniais pelos quais o homem passa em toda as circunstâncias de sua vida sempre acabam tendo um objetivo ou coletivo ou individual, como podemos ver nas passagens realizadas em casamentos, aniversários, batizados, gravidez, funerais etc. O indivíduo se classifica em diversos compartimentos, sincrônica ou sucessivamente, e, para passar de um ao outro a fim de poder reunir-se com indivíduos classificados em outros compartimentos, obrigado a submeter-se, do dia do nascimento ao da morte, a cerimônias frequentemente diversas pelas formas, mas semelhante mecanismo. Ora, o indivíduo estava só diante de todos os grupos, ora figurava como membro de um determinado grupo separado de todos (VAN GENNEP, 2013, p. 160).

A comida estava presente e media o ato ritual destes momentos de transição. Como nos fala Ackerman (1992) a comida é “grande fonte de prazer [...] guarda grande parte das

lembranças de nossa infância” reforçando os laços afetivos e parentescos que possuímos. A comida mergulha no desconhecido da memória através desse ritual enfatizando a passagem.

5.1.2 Ética da Comunhão

Pode-se dizer que são movidos por uma ética da comunhão os banquetes que, inseridos no sistema alimentar apresentado no texto, têm como principal objetivo propagar a partilha solidária mediada pelo cuidado. Como explica Leonardo Boff em seu livro *Saber Cuidar* (2013) é necessário entender o verdadeiro significado do cuidado, só para, a partir daí, refletir sobre a ética de comunhão que rege as reuniões alimentícias fartas descritas a seguir. “Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude”. (BOFF, 2013, p.104).

Assim sendo, no *corpus* analisado foram localizados banquetes que indicam a *ética da comunhão*: pautada pelos banquetes nos quais valores, conquistas, ideais são partilhados, ou uma ideia de comunidade ou, ainda, a intervenção em favor de alguém ou de um povo, visando um fim político, a construção de uma esfera de bem comum.

Quadro 2. Banquetes marcados pela ética da comunhão

Livro, capítulo, versículo	Tipo de banquete	Anfitrião	Razão do Banquete	Público convidado	Alimentos/preparações consumidos
Lucas 22: 17-20	Partilhar	Jesus	Mostrar o valor da comunhão. última ceia	Apóstolos	Pão e vinho

Ester 1:5	Partilha	Assuero	Partilhar conquistas do rei	Todos os cidadãos da cidade	Não é relatado
Ester 1:9	Partilha	Vasti	Partilhar as conquistas do rei	Apenas as mulheres da cidade	Não relatado
Ester 5:6	Intervenção	Ester	Suplica ao rei pelo judeus	Rei e Hamã	Não é relatado
Ester 8:17	Comunidade	Ester	Comemoração dos judeus pela expiação do pedido de morte	Todos os presentes	Não é relatado
Jó 1:4,5	Comunhão	Filhos de Jó	Socialização entre irmãos e irmãs	Irmãos e irmãs	Não é relatado
Mateus 14:19	Intervenção	Jesus	Saciar a fome da multidão. Multiplicação do pão e do peixe	Servos e discípulos	Pão e peixe

Fonte: dados da pesquisa

As práticas rituais que envolvem a partilha do alimento são encontradas em escrituras bíblicas. Com essa finalidade, os banquetes são organizados como ligação entre o anfitrião e com os convivas. Destacamos como exemplos o milagre da multiplicação do pão e dos peixes realizado no Monte das Oliveiras, a Grande Ceia e o banquete da rainha Ester. A seguir, pode-se observar um breve relato sobre tais fragmentos.

(1) Jesus Cristo após receber notícia da morte de João Batista, encontra um barco e vai para o deserto, porém, seus discípulos e multidão vão ao seu encontro. Jesus, sensibilizado

com tamanha devoção, cura os enfermos presentes. Ao final, um dos discípulos pede a Jesus para deixar seu povo voltar às aldeias para comer, considerado que ali não havia comida suficiente para todos. Jesus então pede ao discípulo os pães e peixes que tinham, segura-os em suas mãos, olha para o céu, os abençoa e lhes dá aos seus discípulos que os distribuem para a multidão e todos comem que se saciam.

E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão. E comeram todos, e saciaram se; levantaram dos pedaços, que sobejaram, doze alforjas cheias (Mateus 14, 19:20).

(2) Jesus fez uma grande ceia para qual convidou seus apóstolos mais próximos para a celebração de sua morte, que estava por vir. A sua morte ofereceria a redenção dos pecados humanos e abriria as portas para o reino por vir. Este pacto é selado pela transubstanciação do vinho e do pão em sangue e corpo de Cristo. “E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; [...] E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.” (*Lucas 22:17-20*)

(3) A rainha Ester, preocupada com o que poderia acontecer com todos de sua linhagem, preparou um banquete para o rei Assuero e também convidou Hamã. Essa oferta apresentava uma única intenção: apelar pela vida dos judeus, o seu povo. Foi nessa cerimônia que Ester revelou sua identidade como judia para o rei. Após apelar pela vida dos judeus, ele cancela sua ordem dada a pedido de Hamã para matar todos os judeus e condena Hamã a forca por ter ultrajado Ester dentro do seu próprio palácio.

Respondeu Ester: Se bem te parecer, venha o rei e Hamã, hoje, ao banquete que eu preparei ao rei. Então, disse o rei: fazei apressar a Hamã, para que atendamos ao que Ester deseja. Vindo, pois, o rei e Hamã ao banquete que Ester havia preparado, disse o rei a Ester, no banquete do vinho: Qual é a tua petição? Esse te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino (*Ester 5:6*).

Atentando para o significado da palavra cuidado, conforme enunciada por Boff (2013), a partilha de alimentos trazida à tona pelos banquetes elencados acima fundam uma ética da comunhão porque, ao partilhar, doa-se pelo outro com atitude atenta e zelo (Jesus e seu sacrifício, Jesus e a atenção com os famélicos, Ester e a compaixão com seu povo). A

comunhão marcada pela partilha de alimentos, além de marcar uma identificação e compromisso solidário, marca uma preocupação diligente com o bem-estar do outro: a partilha do pão material.

Na multiplicação dos pães e peixes Jesus ao penalizar-se com seus seguidores famélicos, que mesmo assim caminharam uma longa distância ao seu encontro, opera o milagre da multiplicação dos alimentos para suprir a necessidade de seu povo. A fome era implacável no período ao qual o texto bíblico se refere (JOANNÈS, 1998; LAURIOUX, 2002).

Desse modo, as parábolas que Jesus contava, apesar de ser filho de carpinteiro, não tomavam por base a atividade da carpintaria ou da marcenaria, mas sim atividades como a lavra, a semeadura e a ceifa, a economia, a pecuária, o pastoreio, as vindimas e a preparação do pão. Eram muitos aqueles que se interessavam pela ética que Cristo vinha propor e pelas profecias que anunciava se simultaneamente ele fosse fundador de um reino de abundância, um reino de cereais (JACOB, 2003, p. 149). As atenções das massas esfomeadas estavam viradas para todos os profetas que aparecessem, sempre com uma solução mais prática: porque a verdade é que o “pão celestial não era suficiente, as massas precisavam do pão terreno (JACOB, 2003, p. 151). Convém não esquecer que uma das mais antigas tarefas dos profetas judaicos era cuidar da alimentação do seu povo” (JACOB, 2003, p. 158). Cuidar, sobretudo, do seu pão.

A origem do pão, juntamente com o trigo, tem as suas raízes no tempo do Império Romano, em que a região compreendida entre o Rio Douro e o Rio Tejo se chamava Lusitânia. De início, provavelmente, o trigo era apenas mastigado. Só depois, ele passou a ser triturado com pedras e transformado em farinha. Antes de servirem para fazer pão, as farinhas de diversos cereais eram usadas em sopas e mingaus cozidos na água. Posteriormente, passou-se a misturar também mel, azeite doce, suco de uva, tâmaras esmagadas, ovos e carne moída, formando espécies de bolos que eram assados sobre pedras quentes ou sob cinzas. Esses bolos deram origem ao pão propriamente dito (RAMOS [2012?]).

Existiam basicamente três variedades de pão: o *panis mundus* (pão de primeira qualidade), o *panis secundarius* (pão fabricado com farinha de segunda qualidade), e o *panis sordidus* (pão de mais qualidade mais baixa). Porém, ainda não tinha o estatuto de alimento básico, o qual foi assumido, de forma gradual, na Idade Média. Por isso, no século XII começou-se a regulamentar a sua produção e distribuição (CABRAL, 2013, p. 7).

Provavelmente, na época a qual se refere o relato bíblico, o pão consumido pela maioria da população pobre era o *panis sordidus*.

As pessoas viviam num mundo em que os especuladores retinham os cereais e no qual o Estado e o imperador se serviam do pão para fins políticos, dando alimento a quem apoiasse o seu poder. Assim sendo, Jesus oferecia pão basicamente por dois motivos (1) para, de certa forma, demonstrar quais perspectivas seu reinado trariam em relação à fome material, estabelecendo assim um tipo de dominação, mas também como (2) forma de cuidado. Chegavam até ele pessoas sofrendo das mais terríveis doenças, desesperadas e esfomeadas. Cristo mergulhava de tal forma no interior do sofrimento daquelas pessoas que era insuportável negar-lhes ajuda. Curava-os e dava-lhes pão. (JACOB, 2003). Sua partilha foi fundada em um ato amoroso, sendo o amor uma abertura ao outro e uma com-vivência e comunhão com o outro. (BOFF, 2013).



Figura 2: *All were satisfied*, 2003, James Seward, Fonte: <http://bit.ly/17Mrhi1>

Além do pão como alimento físico, como era o maná, ele destaca que aquele pão enquanto palavra, verbo, tinha o poder de conceder a eternidade espiritual: aquele que comesse do pão, ou seja, que comungasse daquele momento ritual da palavra, lograria a almejada vida eterna. “Quem come dele não morrerá.” (Jó, 6 48:50). Isso fica evidente com o ritual da Última ceia.

Esse banquete ganhou essa denominação devido, não só a partilha de Jesus com seus discípulos e servos, mas, sobretudo, pela divisão do pão espiritual: o reino de Deus. Jesus traz à tona a comensalidade como prática unificadora e fundante de um ritual de comunhão radical, onde seu próprio corpo, simbolicamente, é oferecido aos convivas, conforme destaca Betto (2000):

na prática de Jesus, a justiça encontra sua expressão mais bela na saúde dos corpos e na comensalidade, que faz da mesa comunhão entre pessoas. A ponto de Cristo tornar a partilha do pão e do vinho, da bebida e da comida, sacramento de sua presença entre nós e em nós. E nos ensinar a oração "Pai Nosso/pão nosso (BETTO, 2000, p. 4).

Fundou-se, nessa perspectiva, uma comunidade da igualdade. A comensalidade impulsiona o movimento à mesa, e busca a consolidação das ideias propulsoras da adesão ao convívio. Nesse caso, buscam-se as percepções concordantes: o ideal cristão. A comunidade acaba por não constituir aquilo que Jacques Rancière (2009) denomina por *comunidade política*: onde os sujeitos, mesmo com suas percepções individuais discordantes, interagem não em busca de um entendimento, mas para trazer à tona um dissenso.

Esse ato funda um regime político por incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade. Destaca-se, portanto, uma sociabilidade alimentar pautada em uma ideia de imunologia: identificar iguais e distingui-los dos diferentes como forma de proteção, anticorpos contra as influências externas, reforço do vínculo interno da comunidade, como sugere Peter Sloterdijk (2009).

É nesse momento também que Jesus consagra pela primeira vez a Eucaristia. Correia (2008) levanta do texto questões como: “Que tipo de refeição é esta em que Jesus come com os seus discípulos e na qual institui a Eucaristia?”; “Uma refeição pascal ou uma refeição de despedida?”. Sabendo que muito antes da instituição da Eucaristia se falava do ato de comer à mesa e seus significados como um ato quase tão antigo como a humanidade, assim como dos sacrifícios rituais. Pensar em respostas para as perguntas chegam a motivarmos nosso olhar e tentar entender esse tipo de partilha.

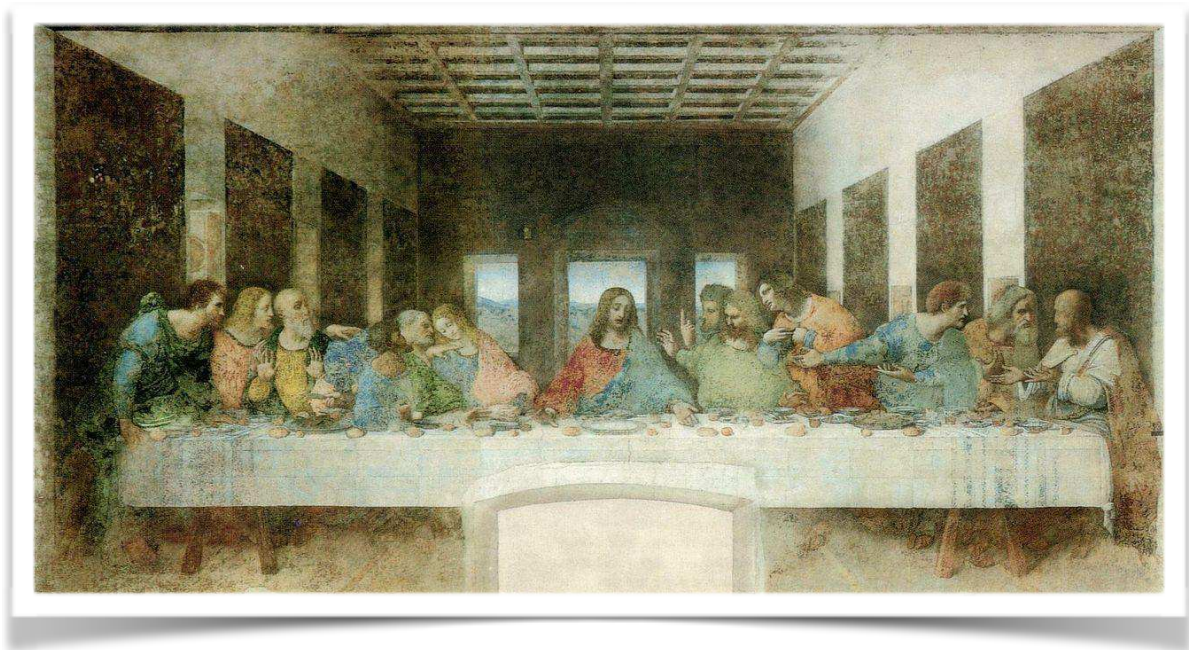


Figura 3: *A Última Ceia*. Leonardo Da Vinci, 1498, Refeitório de Santa Maria delle Grazie, Milão. Fonte: <http://bit.ly/1zKW842>.

Correia (2008) responde que não se tratou de Ceia Pascal, mas de uma refeição de adeus ou despedida realizada em um ambiente familiar e apropriado. Nesta ocasião, Jesus fez comunicações íntimas aos seus discípulos e revelou-lhes as suas últimas vontades. Partilhando o pão e o vinho, e atribuindo-lhes naquela ceia um significado ritual, (o pão significando Seu corpo e o vinho Seu sangue) Jesus instituiu a Eucaristia: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós.” (*Lucas 22:19-20*).

Portanto, a Última ceia promulga-se como ética da comunhão porque Jesus partilhou com seus discípulos o que deveria ter real valor e importância em sua vida e na da humanidade, um ideal, instituindo o ato de comer do “pão da vida” aquele que poderia conceder a vida eterna.

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*, sobre o culto da sagrada eucaristia, apresenta três de suas dimensões inseparáveis: a do sacrifício, a do memorial e a do banquete e afirma o seguinte: “a missa ou Ceia do Senhor é ao mesmo tempo e de forma inseparável: sacrifício no qual se perpetua o sacrifício da cruz; memorial da morte e da ressurreição do Senhor, que

disse: ‘Fazei isto em memória de mim.’ (*Lucas 22:19*); banquete sagrado, em que, pela comunhão do corpo e sangue do senhor, o povo de Deus participa nos bens do sacrifício pascal, renova a nova aliança entre Deus e os homens selada de uma vez para sempre com o sangue de Cristo, e prefigura e antecipa na fé e na esperança o banquete escatológico no reino do Pai, anunciando a morte do Senhor até que venha (SAGRADA..., 1967).

Cabral (2013) ressalta que é como o “Pão da Vida” que Cristo quer ser visto e entendido na partilha. O pão significaria o símbolo de todos os bens que são dádiva de Deus, da sua Aliança com a humanidade, o corpo de Cristo.

A partilha da rainha Ester revelava-se com duas intenções indiretamente familiares com as de Cristo: tinha o desejo de se destacar como líder, assim como Cristo, mas tinha como principal objetivo a liberdade de seu povo, os judeus, e a constituição de uma nova política de civilização para os mesmos. Edgar Morin formulou imperativos de uma política de civilização, que podem ser auxiliares para refletirmos sobre os ensejos de Ester sobre o povo judeu: um povo escravizado, perseguido e assassinado por outros. Os imperativos de Morin (2013) foram: (1) solidarizar (contra a atomização e a compartimentalização); (2) retornar às origens (contra a anonimização); (3) conviver (contra a degradação da qualidade de vida); e, (4) moralizar (contra a irresponsabilidade e o egocentrismo). A rainha queria uma nova cultura para os judeus, a promoção de atos solidários, uma convivialidade igual, respeito, união, cordialidade, ou seja, práticas de bem, ações quase inexistentes para com judeus.

Nota-se na ética da comunhão que todos os banquetes vinham acompanhados de intenções, como todos os atos da vida humana. Mas, em tais ocasiões o que se observa é que tais atitudes pautam-se, sobretudo, por um ideal comunitário. Não sabemos o que se consumiu no banquete da rainha Ester, compreende-se apenas que os únicos participantes foram Assuero e Hamã. Sabemos que, após Assuero atender ao pedido de sua rainha, os judeus comemoram o fim do decreto de sua morte. “Também em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e regozijo, banquetes e festas, e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles.” (*Ester, 8:17*), o qual participaram desse banquete todos os que se sentiram em alegria com a notícia sobre os judeus.

A ética da comunhão cria uma esfera de partilha de valores, conquistas, ideais (Última ceia), de cuidado em favor de alguém ou algum povo (milagre dos pães e intervenção de Ester), visando um fim político, ou seja, a construção de uma esfera de bem comum, onde os

alimentos denotam um sinal de comunhão, seja de um pão físico, seja espiritual. A ética da comunhão é explicitamente abraçada pelo cuidado, busca unir pessoas e recriar pela linguagem amorosa o sentimento de benquerença e de pertença (Boff, 2013). Jesus e Ester não medem esforços para tentarem estabelecer uma nova esfera de bem na humanidade. Suas ações solidárias prezavam ensinar e/ou criar novos significados e valores pela inalienável dignidade de vida daquelas pessoas. Buscam construir uma esfera de comunhão entre todos.

5.1.3 Ética do Poder

Pode-se dizer que são movidos por uma ética do poder os banquetes que, inseridos no sistema alimentar apresentado no texto, tem como principal objetivo expressão de poder supremo. Como comenta Albert (2011):

o banquete toma um significado e desempenha um papel essencial nas sociedades antigas: ele constitui o meio, em tempos de paz, de glorificar o grande poder daquele que o oferece, quer seja ele um personagem poderoso ou uma cidade, e representa uma ocasião de redescobrimto da vida coletiva e de afirmação de uma identidade cultural (ALBERT, 2011, p 58).

Quadro 3. Banquetes marcados pela ética do poder

Livro, capítulo e versículo	Tipo do banquete	Anfitriões	Razão do banquete	Público convidado	Alimentos/preparações consumidos
Gênesis, 26:30	Aliança	Abimeleque	Aliança entre Isaque e Abimeleque por Isaque ter sido expulso de Gerar	Isaque e Abimeleque	Não é relatado
Samuel II 3: 20	Acordo	Davi	Acordo entre Davi e Abner para soberania de Davi sobre todos	Davi, Abner e soldados presentes	Não é relatado

Reis II 6:26	Paz	Eliseu	Estabelecer cordialidade entre o rei da Síria e Eliseu	Soldados	Não relatado
Ester 1:5	Poder	Assuero	Demonstração de riquezas aos servos	Todos os cidadãos de Susã	Não é relatado
Daniel 5:1	Honra	Belsazar	Honrar os melhores soldados do rei	Soldados	Não é relatado

Fonte: dados da pesquisa

No *corpus* analisado se expressa como ética de poder aqueles banquetes que, de caráter político, apresentavam-se com função de: instituir acordos, alianças ou honrar alguém, expressar poder pela produção de imagens de fartura e marcar distinções hierárquicas entre soberanos e servos. Podem-se ressaltar os seguintes banquetes como ética de poder: o banquete de Abimeleque, o banquete de Davi, o banquete do rei Assuero, o banquete de Eliseu e o banquete de Belsazar. A seguir, um breve relato sobre esses banquetes.

(1) Isaque como fiel servo de Deus obedecendo sempre às suas ordens reside em Gerar por tempo determinado sobre as terras do rei Abimeleque. Lá Isaque engrandeceu e começou a adquirir bastante terras, animais, trabalhadores e água. Abimeleque com medo do crescimento de Isaque o expulsa de suas terras. O rei, percebendo a posses que o servo de Deus adquiria por enaltecer a Deus, foi ao seu encontro juntamente com um amigo e o príncipe do seu exército, pedindo a Isaque para criarem uma aliança entre eles de paz e selaram com um banquete.

E eles disseram: Havemos visto, na verdade, que o Senhor é contigo, por isso dissemos: Haja agora juramento entre nós, entre nós e ti; e façamos aliança contigo. Que não nos faça mal, como nós te não temos tocado, e como te fizemos somente bem, te deixamos ir em paz. Agora tu és o bendito do Senhor. Então lhe fez um banquete, e comeram e beberam (*Gênesis 26 28:30*).

(2) Is-Bosete acusou Abner de ter tomado para si uma concubina de Saul, chamada Rispa, filha de Iái. Ele era o comandante do exercito de Saul e eram primos. Abner tomou como insulto a acusação de Is-Bosete e foi ao encontro de Davi, atual inimigo de Saul, tomando a decisão de unir-se a ele no domínio do reino de Davi pela soberania. Após oferecer-se como aliado a Davi, o próprio selou o acordo entre eles num banquete.

E falou também Abner aos de Benjamim; e foi também Abner aos de Davi, em Hedrom, tudo o que era bom aos olhos de Israel e aos olhos de toda a casa de Benjamim. E foi Abner a Davi, em Hedrom, e vinte homens com ele; e Davi fez um banquete a Abner e aos homens que com ele estavam (*Samuel II 3: 19,20*).

(3) O profeta Eliseu por ordem de Deus viveu muitos anos longe do reinado dos Sírios. Certo dia, um servo do rei comenta que existe um profeta que sabia o que ele dizia no seu quarto de dormir. O rei curioso com o profeta Eliseu enviou a sua busca cavalos, carros e um grande exército, que quando os avistou pediu a Deus para com eles uma atitude, Deus então fez surgir fogo ao redor de seu servo, que orou e pediu a Deus para cegá-los para que ele pudesse levá-los ao meio da Samaria. Chegando lá, Deus ordenou que Eliseu desse comida e bebida a todos e deixasse-os ir para o seu Senhor.

Mas ele disse: Não ferirás; tu os que tomasses prisioneiros com a tua espada e com o teu arco? Põe-lhes diante pão e água, para que comam e bebam, e se vão para seu senhor. E apresentou-lhes um grande banquete, e comeram e beberam; e os despediu e foram para seu senhor; e não entraram mais tropas de sírios na terra de Israel (*Reis II 6: 22,23*).

(4) O rei Assuero querendo exibir as riquezas e glória de seu reino ofertou um banquete no seu terceiro ano de reinado para todos os seus príncipes, servos e nobres buscando mostrar toda sua grandeza. “No terceiro ano do seu reinado, fez um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, estando assim perante ele o poder da Pérsia e Média e os nobres e príncipes das províncias.” (*Ester 1:3*).

(5) O rei Belsazar, após assumir o trono de seu pai Nabucodonosor, em virtude de comemorar seus mais honrados soldados do exército, realizou um banquete para eles onde comeu e bebeu na presença de todos. Durante esse encontro aconteceu um episódio em que uma mão escreveu nas paredes do palácio com dedos sujos de sangue uma profecia que assombrou o rei que foi em busca de Daniel para tentar interpretar a mensagem. “O rei

Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus senhores, e bebeu vinho na presença dos mil.” (*Daniel 5:1*).

Os banquetes destacados nos atentam para uma observação de Albert (2011): a mesa é a ocasião para um tipo particular de sociabilidade. Como local de tomada de decisões, de demonstração de força, de integração e de exclusão, de hierarquização ou de nivelamento, a mesa é uma das ferramentas mais sutis e mais eficazes.

Abimeleque nessa ocasião por ele oferecida queria fortalecer sua autoridade nas suas propriedades aliando-se a Isaque, pois ele adquiriu mais posses do que qualquer um nos últimos tempos. Davi consolidou Abner como um aliado para futura unificação de reinado e Eliseu criou uma forma de acordo de paz para ele com a Assíria para sua proteção. Assuero impressionava por sua fartura à mesa, assim como o pai de Belsazar, Nabucodonosor. Todos eles juntos, executavam rituais onde se distinguiam de seus súditos.

A mesa posta pelos dois reis, Abimeleque e Davi, nos atenta para finalidades parecidas: reforço de uma aliança na qual atribuem ao alimento o papel de testemunho dos acordos, compartilhamento de mesmos interesses, esses estabelecidos entre seus convivas, e, união pelo mesmo sentido político. Sentar-se a mesa não era um gesto inofensivo. (ALBERT, 2011, p. 12). Eliseu, no entanto, não era um rei, mas um profeta que servia a Deus, que o escutava e ao medo da situação a qual foram colocados os soldados que o procuravam o atribuiu uma imagem de poder.

Não sabemos o que foi consumido nesses banquetes, mas sabemos que além dos anfitriões deles, Abimeleque, Davi e Eliseu, estavam participando soldados que acompanhavam seus reis na firmação dos acordos.

Numa afirmação que é válida para o mundo medieval e moderno, existia uma dimensão política na alimentação de um rei. E, sob este ponto de vista, é no discurso político que, em primeiro lugar, devemos procurar respostas para tal asserção. Desde o *Policraticus* de João de Salisbúria (c. 1159), passando pelo aristotélico-tomista *De Regimine Principum* (c. 1287) de Egídio Romano, que exerceria notável influência ainda na Época Moderna, o discurso político e especificamente a tratadística sobre o ofício régio representava o corpo político à imagem do corpo natural.

Nessa perspectiva, de forma ideologicamente muito enraizada, a comunidade política era concebida e representada à imagem do corpo humano, tornando-se indissolúvel o vínculo entre a cabeça, ou seja, o rei, e o corpo da república. (BUESCU, 2013). Atentando para a

afirmação de Buescu (2013), foram os reis que ofertaram o banquete para seus convivas e que propuseram o acordo.

Provavelmente foram as fontes literárias e iconográficas que forçaram a caracterização igualitária de um banquete que, sobre e ao redor das mesas, permanece sendo profundamente a expressão de uma hierarquia forte. As narrativas homéricas não deixam de sublinhar a dimensão essencialmente desigual da distribuição do espólio e das carnes no decorrer do banquete, em que se reserva aos “melhores” ou aos poderosos as porções de honra. (ALBERT, 2011. P 37).

O fausto banquete de Assuero partia para o lado que mais conhecemos na história em banquetes de poder: exibição de luxo acompanhado de exagero. Assuero queria exibir toda e qualquer conquista que tinha conseguido em três anos de reinado. Essa é uma das formas mais antigas de expressão de poder.

A demonstração de poder pela grandeza da comemoração estabeleceria visualmente, deste modo, uma dada legitimidade nas relações sociais e culturais de poder. O espectador ou participante seria impactado pela imagem. Tais comemorações deveriam ter também um cerimonial social (com elementos religiosos ou não), com aspectos culturais, que tenham relações com os segmentos sociais presentes nestas comemorações de modo a exprimir as hierarquias e representações destes segmentos ampliando o impacto visual do espectador.

No Egito, as cenas e referências de comemorações neste nível de abordagem podem ser identificadas em tumbas de particulares e templos. Em algumas listas reais de banquetes é possível notar a grande quantidade de alimentos necessários para satisfazer o faraó e sua corte (GRALHA, 2012, p.100-101).

Um dos mais extraordinários momentos de grandes festas e banquetes em Portugal ocorreu em 1490 quando Afonso, filho e herdeiro de D. João II casou com Isabel, filha primogénita dos reis Católicos. As pormenorizadas e visuais descrições das cerimónias e banquetes desenrolados na cidade de Évora pelo cronista Garcia de Resende permitem avaliar o investimento da coroa portuguesa nesse matrimônio, o custo e a ostentação das festas, a extraordinária quantidade de todos os géneros de carnes e frutas, a sofisticada e encenada apresentação dos pratos perante a mesa régia, a total ausência de peixe (BUESCU, 2013).

Os banquetes da Antiguidade possuíam divisões bem distintas. A primeira etapa era o *deipnon* seguido do *symposion*. No *deipnon*, o anfitrião serve as carnes assadas e/ou grelhadas proveniente de sua criação, acompanhadas de pão. Na sequência o *symposion* define-se como

uma forma de organização social no qual um grupo de homens expressa a sua identidade através do ritual e beber e comer (CANDIDO, 2012, p. 166-167). François Lissarrague (1987) faz uma descrição de como seria um simpósio arcaico: “o simpósio arcaico é um espaço fechado, limitado a um pequeno número de convivas iguais entre si, que se bastam a si mesmos. O prazer do simpósio associa, combinando-os, o vinho, a música, a palavra e o espetáculo: trata-se unicamente do espetáculo proporcionado pelos convivas, pela decoração da sala em que se reúnem e, mito evidentemente, pelas taças que circulam nas mãos dos que bebem”.

Médicos e dietistas dos séculos XVI e XVII, erguendo um discurso de advertência sanitária em torno das práticas alimentares de reis e senhores, não deixavam de assinalar a diferença do valor nutritivo dos produtos consumidos, sendo que, indiscutivelmente, o lugar cimeiro entre estes era ocupado pelo pão, vinho e carne, que constituíam o que se pode designar por “núcleo do gosto”, de acordo com expressão de Robert Fossier, desde a época medieval (FOSSIER, 2010; BUESCU, 2013).

O pão estava presente com fartura na mesa do rei, mas era sempre pão branco, confeccionado com o cereal nobre, a farinha refinada de trigo, virtualmente ausente da mesa das classes mais baixas, em que surgia misturado com outros cereais, como a cevada, o centeio ou o “milho painço”, anterior ao cereal vindo mais tarde da América. Assim, longe de ser o sinal ou o símbolo de alguma igualdade alimentar ou proximidade social, o pão sublinhava as diferenças sociais². Mas, era, também, símbolo de diferenciação social, além de primeira espécie eucarística no Cristianismo (BUESCU, 2013).

É ainda necessário evocar o lugar do vinho na mesa do rei, na corte e na sociedade em geral. O vinho era uma das mais importantes produções da Europa do Sul, e o seu valor social e econômico inquestionável para as populações, também em Portugal. (BUESCU, 2013). O vinho tinha uma grande importância nos banquetes e era a bebida mais utilizada em Roma, sendo, portanto, básico. Tão básico, que, antes de tudo, era um alimento. Para Funari (2002), tratava-se de uma bebida para toda e qualquer ocasião, contrário ao que acontecia no Egito Faraônico. Servia como complemento ao azeite, ao pão, a carne de porco, doada pelo Estado (durante a política do pão e circo). Considerava-o como um bem material adquirido, uma herança (CARLAN, 2012).

² A. H. de Oliveira Marques, op.cit. pp. 15-16.

A etimologia conhecida da palavra portuguesa vinho procede do latim *vinum*. Alguns enólogos consideram que o radical se encontra próximo a palavra sanscrita *vana* (amor), que também originou as palavras *Vênus* e *Venera*. Tal relação semântica estaria dada pela antiga crença nos poderes afrodisíacos proporcionado pela bebida (CARLAN, 2012). Sabe-se também que numa mesa política o ritual do brinde é caracterizado como elemento-chave na consolidação do acordo no banquete.

O mundo escandinavo constitui um excepcional campo de estudos desta relação entre a bebida e os comportamentos coletivos e políticos. Entre o final do século VIII e a metade do século XI, os *vikings* manifestam e reafirmam em permanência uma coesão fundada na embriaguez dos convivas. Beber é tão importante que o próprio termo, *drekka*, está associado a todas as etapas importantes que ligam e identificam o grupo e acaba por designar o conjunto dos comportamentos alimentares escandinavos. Assim, por exemplo, não se diz festejar as bodas, mas “beber” as bodas, *drekka bruohlaup*, “beber o banquete”, *drekka veizlu*, e não banquetear (ALBERT, 2011, p.68).

Mais do que nunca, a mesa continua sendo um sinal de distinção e um meio eficaz de fazer carreira, porém de maneira pessoal e não mais coletiva [...], ou seja, de manter sua posição social (ALBERT, 2011, p. 131). Strong (2004) pondera que o imperador Augusto oferecia os chamados *cenae rectae* (jantares formais) com “atenção estrita à posição social e aos indivíduos”. Os romanos eram obcecados por hierarquias, profundamente preocupados com conceitos como *dignitas* e *existimatio*, *liberalitas* e *munificentia*, todas as virtudes patrícias.

Uma partilha diretamente com o rei representava a coesão de igualdade e cidadania entre os convivas. O banquete privado que o rei Belsazar realizou para os seus soldados é tido como exemplo. A passagem bíblica relata que ele partilhou com seus soldados sua taça de vinho. Dividir a taça com o rei era sinal de unidade e interação com os convivas. Alimentá-los estabelece uma forma de companheirismo que, em retorno, atribui deveres a esta dádiva alimentar (ALBERT, 2011, p. 70). Candido (2012) relata que na Roma Antiga os banquetes eram momentos em que se buscava reforçar valores como a unidade, através da comensalidade.

Gert Althoff, na *História da Alimentação* de Massimo Montanari e Jean-Louis Flandrin (1998), estabelece que “ao comer e beber juntos nos comprometíamos, de certa forma, em relação ao outro ou outros convivas, e nos declarávamos prontos para satisfazer ás

exigências implicadas por este laço”. Ele relembra a significativa anedota relatada pelo padre historiador Gregório de Tours, no século V d.C., em sua *Histoire des francs*. No momento em que um conflito de interesses os opõe, o rei Chilperico convida o bispo para partilhar de seu almoço, mas Gregório recusa, considerando que tal demonstração de convivência falsaria suas relações enquanto o conflito não fosse resolvido. Isso serve para evidenciar a importância da refeição, do festim em particular, na construção dos laços de dependência que unem o poderio do anfitrião e aquele ou aqueles a ele submetido (ALBERT, 2011, p. 70).

Albert (2011) comenta também que príncipes, leigos e eclesiásticos podem organizar até 150 banquetes por ano, tão numerosas são as ocasiões: casamento, acordo, festas litúrgicas, vitória militar, nascimento e partidas para a guerra ou cruzada, coroamento de um rei ou de um papa. Pelo luxo e pela abundância exibidos, o tempo do banquete rompe simbolicamente com o cotidiano. Cada uma dessas refeições permite difundir um discurso político que visa tanto afirmar o poder do anfitrião como a reforçar os laços entre os convidados. O historiador Haydn observa nisso a distinção entre o “festim promocional e de aliança” e aquele de “competição”, mas é preciso cuidado com essa distinção, porque os banquetes podem desempenhar os dois papéis ao mesmo tempo: assim, o rei reforça a coesão do grupo ao mesmo tempo em que mostra sua dominação.

Portanto, a refeição pública é investida de uma carga política que evidencia não somente o grande poder do príncipe pela iniciativa do festim, mas também a organização da sociedade, representada dessa maneira. A partilha do alimento e da bebida, ou ainda o uso do brinde, como aquele que São Luís ergue em honra do rei da Inglaterra, Henrique III, por ocasião do grande banquete de Paris de 1254, evidencia a ambivalência desse discurso do poder (ALBERT, 2011, p. 68).

Esses banquetes participam como *ética de poder* pelo fato de ocorrerem acordos selados entre soberanos, produção de imagens da fartura e do excesso e, sobretudo, atentam para uma das características mais contraditórias que perfazem os rituais de comensalidade: estabelecem simultaneamente igualdade e hierarquia. Ao mesmo tempo em que ao comungar deseja-se estabelecer igualdade, o ritual é permeado de regras que distinguem os convivas hierarquicamente, seja no repasto, seja nos lugares tomados. Os banquetes regidos pela *ética do poder* são cercados de sinais para determinar a posição social e política de cada um.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir e analisar o que constitui a ética alimentar nos banquetes bíblicos pode-se perceber que a Bíblia, enquanto um dos documentos formadores da cultura ocidental, atenta para três tipos de comportamento que regiam os atos de partilha de alimentos: (1) a *ética da passagem*, que serve como signo de uma mudança na vida coletiva ou individual, como casamentos (Jacó e Raquel, Bodas de Canaã, Assuero e Ester), aniversários (Faraó e Herodes) e mortes (Páscoa e Nabal).

A comensalidade media todo o rito, que por sua vez, coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido a esses marcos da vida social; (2) a *ética da comunhão*, que cria uma esfera de partilha de valores, conquistas, ideais (Última ceia), de cuidado em favor de alguém ou de algum povo (milagre dos pães e intervenção de Ester), visando um fim político, isto é, a construção de uma esfera de bem comum, onde os alimentos denotam um sinal de comunhão, seja de um pão físico, seja espiritual; e, por fim, (3) a *ética do poder*, partilhas que engendram relações de acordo (Abimeleque, Davi, Elizeu, Belsazar), de demonstração do poder via produção de imagens de fartura (Assuero) e que desenham distinção entre o soberano e seus súditos (todos).

Sobre a caracterização dos banquetes, pode-se dizer que (1) sobre o consumo, os alimentos praticamente não são mencionados em nenhum banquete, com a exceção das passagens da Última Ceia e a multiplicação dos pães. Algumas hipóteses foram apresentadas durante o texto para pensar nesta omissão. Outras hipóteses podem ser pensadas e analisadas em estudos futuros; sobre os (2) protocolos e (3) público pode-se dizer que variavam em função da motivação para realização dos banquetes, o que se pode afirmar, e que é uma constante nos banquetes, é o fato de não existir uma relação de igualdade entre os convivas, ainda que a comensalidade busque estabelecer uma ideia horizontalidade, a hierarquia em algum momento emerge no contexto da partilha; sobre as motivações (4) podem ser sintetizadas sob três éticas: passagem, comunhão e poder.

Além disso, acredita-se que as éticas acima descritas podem auxiliar um estudo sobre os ritos de comensalidade na sociedade atual. A ética da comunhão, por exemplo, poderia dar apoio à seguinte reflexão: como uma sociedade influenciada pelo ideal cristão, como país que é o Brasil, compreende a divergência entre o ideal da ética da comunhão apresentado na Bíblia e em um inconsciente cristão e a resistência a algumas políticas de Segurança Alimentar e

Nutricional, sobretudo, àquelas relacionadas à transferência de renda? Ou seja, como defender o ideal da partilha e da igualdade a partir de um inconsciente religioso e negar este mesmo ideal no momento de concretizá-lo enquanto política de Estado? Tais políticas, em verdade, fundam hoje uma espécie de política de civilização, isto é, a garantia do direito de todos a habitar a mesa comum da humanidade.

Pensar sobre tais questões abre novos olhares em direção ao fenômeno alimentar e, portanto, à ciência que dele mais diretamente se ocupa no mundo atual, a Nutrição. Pensar a alimentação envolve dar atenção não apenas ao componente de função e subsistência que repousa sob os alimentos, mas envolve pensar os símbolos, a imaginação coletiva, a sociabilidade, enfim, todas as questões que perpassam o humano. Isso levanta desafios e a necessidade da construção de uma Antropologia da Nutrição. O tema de ética alimentar nos banquetes bíblicos abriria mais possibilidades de estudos relacionados à cultura e sociabilidades.

7. REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1996.

ALMEIDA, J. F. de A. (Trad.). **A Bíblia Sagrada**. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

ALBERT, JM. **Às mesas do poder: dos banquetes ao Eliseu**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext&tlng=es > Acesso em 15 jan 2015.

ARIÈS, P. **O amor e o casamento**. São Paulo: brasiliense. 1987.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. 516p.

BETTO, F. Políticas do corpo. **Motrivivência: revista de Educação física, esporte e lazer**. Santa Catarina. Editora: UFCS, n. 15. 2000.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora: vozes, 2013.

BUESCU, I. A. Dimensão política e de poder da comida régia e do corpo do rei. **Librosdelacorte.es**, nº 7, año 5 Otoño-invierno, 2013.

BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Serviço de Educação/ Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 [1977].

BRILLAT-SAVARIN, JA. **A filosofia do gosto**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CABRAL, S. A. S. “Nem só de pão...” (Mt 4,4) **Uma reflexão teológica, pedagógica e didática sobre a unidade letiva “O pão de cada dia” do 6º ano do Ensino básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica**. Braga, 2013.

CANDIDO, R. M. **Práticas Alimentares no Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UFRJ, 2012.

CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD., orgs. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection. ISBN 85-7541-055-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acessos em 08 jul. 2014.

CARLAN, U.C. Vinho: comercio e poder no mundo antigo. In: **Práticas Alimentares no Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UFRJ, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 3^a. ed. São Paulo: Global, 2004.

CAVALCANTE, R. A origem do bolo de aniversário. 2007. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/origem-bolo-aniversario-453995.shtml>> Acesso em 01 fev 2015.

CORREIA, S. A. J. **A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia**. THEOLOGICA, 2.^a Série, v. 43, n. 1, 2008.

FÉLIX, A. “**Aroma de especiarias e lábios de mel**”: **Alimentação e erotismo no Cântico dos Cânticos**. 2013. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Curso de Nutrição, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FERNANDES, T. A. **Ritualização da Comensalidade**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1995. Separata da Revista da Faculdade de Letras. Sociologia, Porto, I Série, vol. 7, 1997.

FLANDRIN, JL; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. Tradução de: Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FERRAZ, Q. História do Amor e do Matrimônio. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/quem-somos/historia-do-vestido-de-noiva-historia-de-amor-e-matrimonio>> Acesso em 23 out 2011.

FERREIRA, J. C. L. **A Bíblia como Literatura - Lendo as narrativas bíblicas**. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 4 – 13. Jun. 2008. Disponível em : <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/view/1650/1646>>. Acessos em 07 jul. 2014.

FERREIRA, J. C. L. **Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação**. *Theós – Revista de reflexão teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-13, dez. 2006. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_03_03.pdf>. Acessos em 11 ago. 2014.

“Festivals and Presents.” **Ladies Repository** (Jan. 1871).

FONTOURA, D. L. **DO CONSUMO DE LUXO À DEMONSTRAÇÃO DO LAÇO AFETIVO: A Nova Face Do Casamento**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOSSIER, R. **Gente da Idade Média**. Lisboa: teorema. 2010.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. O pão nosso de cada dia. Disponível em: < <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=817&sid=7> > Acesso em: 10 fev. 2015.

GAGE, M.; GAGE, J. Birthday Cakes: History & Recipes. New England Recipes, 2012. Disponível em: < <http://mobile.newenglandrecipes.org/Birthday-Cake.pdf> > Acesso em 10 jan. 2015.

GRALHA, C.J. Abordagem Sócio-Cultural da Alimentação no Egito Antigo: quando comer e beber não é somente comer e beber. In: **Práticas Alimentares no Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UFRJ. p. 100, 2012.

GONÇALVES, M. T. A.; PINTO, G. P. P. Heroísmo e Alimentação: Uma Análise das Práticas Alimentares no Ambiente da Pólis Ateniense a partir da Representação Trágica de Hércules. In: **Práticas Alimentares no Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UFRJ. p. 20, 2012.

HOLIDAY AND BIRTHDAYS. In: Childcraft The how and why library. Nova Iorque: World Book, 1987.

JACOB, E. H. **Seis mil anos de pão**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.

JOÃO, D. T. M. Do templário ao funerário do Egito Antigo: exemplo do ritual de Abertura da boca. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011.

JOANNÈS, F. A Função do banquete nas primeiras civilizações. In: **História da Alimentação**. FLANDRIN, Jean Louis (org.) e MONTANARI, Massimo. (org.); tradução de Luciano Vieira Machado, Guilherme J.F. Teixeira - São Paulo: Estação Liberdade, 1998. Cap. 2, p.54-67.

KERMODE, F. **Um apetite pela poesia: ensaios de interpretação literária**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 1993 (Série: Criação & Crítica n. 7). 256p.

LAURIOUX, B. **Manger au Moyen âge**. Paris: Hachette Littératures, 2002, p. 91.

LEACH, M.; FRIED, J. **Standart Dictionary of Folkore, Mythologic and Legend**. Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1984.

LE HOUEROU, L. F. Le film est un don de soi. 2006. Disponível em: < <http://www.comite-film-ethno.net/colloque-2006/pdf/dispositifs-imagetiques/le-houerou-fab.pdf> > Acessos em 16 de jan. 2015.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

LEVI-STRAUSS, C. **O Cru e o cozido**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEVENSTEIN, H. A.; Dietética contra gastronomia: Tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos. In: **História da Alimentação**. p.825-840. FLANDRIN, Jean Louis (org.) e MONTANARI, Massimo.(org.); tradução de Luciano Vieira Machado, Guilherme J. F. Teixeira - São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

LISSARAGUE, F. **Un flot d'images. Une esthétique du banquet grec**. Paris: Adam Biro, 1987.

MASTERMAN, E.W.G. Jewish customs of birth, manage and death. **The Biblical World**, [on line], v. 22, n. 4, p. 248-257, out. 1903.

MILLÁN, A. Malo para comer, bueno para pensar: crisis en la cadena socioalimentaria. In: **Somos lo que comemos: estudios de alimentación y cultura en España**. Barcelona: Ariel, 2002.

MINTZ, S W. **Comida a Antropologia: uma breve revisão**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 47, out. 2001.

MITHEN, S. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. Tradução Laura Cardellini Barbosa de Oliveira; revisão técnica Max Blum Ratis e Silva. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARTINS, C. C. I. A festa da páscoa entre hebreus e cristãos. [2011] Disponível em: < file:///C:/Users/Raquel/Downloads/PASCOA_Estudo.pdf > Acesso em 09 fev. 2015.

MONTANARI, M. **A fome e a abundância: história da alimentação na Europa**. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2003.

MOREIRA, A. S. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos**. Rev.: Cienc. Cult. vol.62 nº 4. São Paulo- Oct. 2010.

MORIN, E. A alimentação. In: **A via para o futuro da humanidade**. Bertrond Brasil. Rio de Janeiro. Cap. 4, 2013.

NASCIMENTO, A. B. **Comida - Prazeres, Gozos e transgressões**. 2º Ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2007. 291p.

NIEBLE, D. B. Comensalidade através dos tempos. *En Contribuciones a las Ciencias Sociales*, marzo 2010. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/07/bdn.htm> >. Acessos em: 09 set. 2013.

OLIVEIRA *et a.* As leis da dietética da culinária judaica. [2013]. Disponível: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1412.pdf> > Acesso em 07 de fev. de 2015.

ORTI, V. L. **Comensalidade e ascese: conflitos de projetos messiânicos a partir de LC 7, 31-35**. Dissertação de Mestrado – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernado do Campo, 2007.

POULAIN, J P. **Sociologias da alimentação**. Florianópolis: UFSC, 2006.

QUELLIER, F. **Gula: história de um pecado capital**. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

Recollections of the Emperor Napoleon. **The New Monthly Magazine** v.69 no.274 (Oct 1843).

SAGRADA Congregação dos Ritos, Instrução Eucaristicum Mysterium (25 de maio de 1967) a: AAS 59 (1967) 541.

SARTI, R. **Vita, Di Casa, Abitare, Mangiare, Vestire Nell'Europa Moderna**. Bari: La Terza, 1999.

SELLIER, P. **Para conhecer a Bíblia: um guia histórico e cultural**/ Philippe Sellier; tradução Dorothée de Bruchard. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

SLOTERDIJK, P. **A loucura de Deus: do combate dos três monoteísmos**. Lisboa, Relógio D'água Editores, 2009.

TERRIN, N. A. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção estudos antropológicos).

TEXEIRA, F. A. **Ritualização da Comensalidade**. 1997. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1412.pdf>> Acesso em 10 fev. de 2015.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. Por que as Testemunhas de Jeová não comemoram aniversários? Disponível em: <<http://jw.org>> Acesso em 11 fev. 2015.

TIGER, L. **A busca do prazer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Editora: Vozes, 2013.

ZORDAN, E. P. **O casamento na contemporaneidade: motivos, expectativas, atitudes e mitos**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

APÊNDICE

TEXTO INTEGRAL	PARÁFRASE	PALAVRAS-CHAVES
<p>“Jura que não farás mal, como também não havemos tocado, e como te fizemos somente bem, e te deixamos ir em paz. Tu és agora abençoado do Senhor. Então, Isaque lhes deu um BANQUETE, e comeram e beberam.”</p> <p>GÊNESIS 26:30</p>	<p>Banquete de reconciliação de Isaque, filho de Abraão, com Abimeleque (rei dos filisteus) após ter sido expulso.</p>	<p>Banquete, aliança, reis.</p>
<p>“Assim por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar e deu um BANQUETE.”</p> <p>GÊNESIS 29:22</p>	<p>Banquete servido no casamento de Jáco e Raquel.</p>	<p>Banquete, casamento, mentira.</p>
<p>“No terceiro dia, que era aniversário de nascimento de Faraó, deu este um BANQUETE a todos os servos; e, no meio destes, reabilitou o copeiro-chefe e condenou o padeiro-chefe.”</p> <p>GÊNESIS 40:20</p>	<p>Festa de comemoração ao aniversário do Faraó para os servos do reino.</p>	<p>Banquete, aniversário, celebração.</p>
<p>“Os dois chamarão os povos ao monte; ali representarão BANQUETES, porque chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos da areia.”</p> <p>DEUTERENÔMIOS 33:19</p>	<p>Banquete de bênção aos filhos de Israel, Zebulon e Issacar, filhos de Moisés.</p>	<p>Banquete, bênção.</p>
<p>“Voltou Abigail a Nabal. Eis que ele fazia em casa um BANQUETE, como BANQUETE de rei; o seu coração estava alegre, e ele, já mui embriagado, pelo que não lhe referiu ela coisa alguma, nem pouco nem muito, até ao amanhecer.”</p> <p>1SAMUEL – 25:36</p>	<p>Última refeição realizada por Nabal antes da sua morte.</p>	<p>Banquete, morte, refeição.</p>
<p>“Veio Abner ter com Davi, em Hedrom, vinte homens, com ele; Davi ofereceu um BANQUETE a Abner e os homens que com ele vieram.”</p> <p>2SAMUEL – 3:20</p>	<p>Banquete de aliança oferecido por Davi ao rei Abner após discussão com Isbosete, filho de Saul.</p>	<p>Desavença, banquete, reconciliação.</p>
<p>“Despertou Salomão; e eis que era sonho. Veio a Jerusalém, pôs-se perante a arca da Aliança do senhor, ofereceu holocaustos e deu um BANQUETE a todos os seus oficiais.” I REIS 3:15</p>	<p>Salomão sonha conversando com Deus e no mesmo sonho pede a Ele o dom da inteligência e sabedoria para si.</p>	<p>Sonho, banquete, rei, honra.</p>
<p>“Então preparou-lhes um grande BANQUETE e, terminando eles de</p>	<p>Banquete de paz oferecido a Eliseu após guerra</p>	<p>Banquete, reconciliação, paz.</p>

comer e beber, mandou-os de volta para o seu senhor. Assim, as tropas da Síria pararam de invadir o território de Israel.” II REIS 6:23	contra os siros.	
“No terceiro ano de seu reinado, deu um BANQUETE a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele.” ESTER 1:3	Banquete dado ao povo de Susã em comemoração ao terceiro ano de reinado de Assuero.	Celebração, povos, rei, banquete.
“Passados esses dias, deu o rei um BANQUETE a todo o povo que se achava na cidade de Susã, tanto para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real.” ESTER 1:5	Banquete dado a todas as pessoas presentes na cidade de Susã por sete dias.	Poder, riquezas, povos, banquete.
“Também a rainha Vasti deu um BANQUETE às mulheres na casa real do rei Assuero.” ESTER 1:9	Festim dado às mulheres de Susã pela rainha Vasti no palácio.	Banquete, mulheres, rainha, festim.
“Então, o rei deu um grande BANQUETE a todos os seus príncipes e aos seus servos; era o BANQUETE de Ester; concedeu alívio às províncias e fez presentes segundo a generosidade.” ESTER 2:18	Banquete de comemoração a coroação de Ester como a nova rainha do rei Assuero e de Susã.	Coroação, banquete, rainha, festim.
“Respondeu Ester: Se bem te parecer, venha o rei e Hamã, hoje, ao BANQUETE que eu preparei ao rei. Então, disse o rei: fazei apressar a Hamã, para que atendamos ao que Ester deseja. Vindo, pois, o rei e Hamã ao BANQUETE que Ester havia preparado, disse o rei a Ester, no BANQUETE do vinho: Qual é a tua petição? Esse te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino.” ESTER 5:4-5-6	Convite a um banquete ao rei Assuero e a Hamã pela rainha Ester.	Convite, rei, inimigo, banquete.
“Se achei favor perante o rei, e se bem parecer ao rei conceder-me a petição e cumprir o meu desejo, venha o rei com Hamã ao BANQUETE que lhes hei de preparar amanhã, e, então, farei segundo o rei me concede.” ESTER 5:8	Pedido de Ester ao rei para comparecer ao seu banquete para anunciar seu o desejo.	Desejo, rainha, rei.
“Disse mais Hamã: A própria rainha Ester a ninguém fez vir com o rei ao BANQUETE que tinha preparado, senão a mim; e também para amanhã estou convidado por ela, juntamente com o rei.” ESTER 5:12	Hamã diz a sua família sobre o convite da rainha para um banquete no palácio.	Banquete, palácio, rainha.
“Então lhe disse Zeres, sua mulher, e todos os seus amigos: Faça-se uma forca de cinquenta côvados de altura, e, pela manhã, diga ao rei que nela enforcuem Mordecai; então, entra alegre com o rei ao BANQUETE. A sugestão foi bem aceita por	Plano contra vida de Mordecai por Hamã, seus amigos e família.	Conspiração, inimigos, raiva.

Hamã, que mandou levantar a força.” ESTER 5:14		
“Falavam estes ainda com ele quando chegaram os eunucos do rei e apressadamente levaram Hamã ao BANQUETE que Ester preparara.” ESTER 6:14	Hamã chega ao banquete que a rainha preparou para o rei.	Inimigo, banquete, rainha.
“No segundo dia, durante o BANQUETE do vinho, disse o rei a Ester: Qual a tua petição, rainha Ester? E se te dará. Que desejas? Cumprir-se-á ainda que metade do reino.” ESTER 7:2	Durante o banquete o rei pergunta a rainha Ester sobre qual seu pedido para com ele.	Curiosidade, rei, rainha, banquete.
“O rei, no se furor, se levantou do BANQUETE do vinho e passou para o jardim do palácio; Hamã, porém, ficou para rogar por sua vida á rainha Ester, pois viu que o mal contra ele já estava determinado pelo rei. Tornando á casa do BANQUETE do vinho, Hamã tinha caído sobre o divã em que se achava Ester. Então, disse o rei: acaso, teria ele querido forçar a rainha perante mim, minha casa? Tendo o rei dito estas palavras, cobriram o rosto de Hamã.” ESTER 7:7-8	Ira do rei no meio do banquete ao saber pela rainha Ester as maldades que Hamã fez a seu povo, os judeus. E exilamento de Hamã.	Ira, medo, morte, confissão, banquete.
“Também em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e regozijo, BANQUETES e festas, e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles.” ESTER 8:17	Festejo dos judeus após a carta do rei autorizando vingança contra seus inimigos. Aqueles que fizeram mal aos judeus.	Celebração, banquete, vingança.
“Sucedeu isto no dia treze do mês de adar, no dia catorze, descansaram e o fizeram dia de BANQUETE e de alegria.” ESTER 9:17	Celebração dos judeus por ter vingado seu povo.	Banquete, justiça, judeus, festim.
“Seus filhos iam ás casas uns dos outros e faziam BANQUETES, cada um por sua vez, e mandavam convidar as suas três irmãs a comerem e beberem com eles. Decorrido o turno de dias de seus BANQUETES, chamava Jó a seus filhos e os santificava, levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. Assim o fazia Jó continuamente.” JÓ 1:4-5	Ritual realizado por Jó com seus filhos e filhas a pós cada festim que eles celebravam. Jó fazia sacrifícios de acordo com o número de filhos e filhas que tinha.	Festim, família, ritual.
“BANQUETEIAM-SE da abundância da tua casa, e na torrente das tuas delicias lhes dás de beber.” SALMOS 36:8	Banquete dados os filhos que vivem perante lei de Deus.	Banquete, fieis, leis, Deus.

<p>“Todos os dias do aflito são maus, mas a alegria do coração é BANQUETE contínuo.” PROVERBIOS 15:15</p>	<p>A alegria ao coração é sinônimo de fartura.</p>	<p>Alegria, banquete, abundancia.</p>
<p>“Melhor é ir á casa onde há luto do que ir á casa onde há BANQUETE, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração.” ECLESIASTES 7:2</p>	<p>Refere-se á infelicidade de banquete em algumas ocasiões, como num velório.</p>	<p>Velório, banquete, morte, homens.</p>
<p>“Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujo príncipes se BANQUETEIAM já de manhã.” ECLESIASTES 10:16</p>	<p>Momento de grande fartura entre príncipes para refazerem suas forças.</p>	<p>Banquete, príncipes, revitalizar.</p>
<p>“O FESTIM faz-se para rir, o vinho alegra a vida, e o dinheiro atende a tudo.” ECLESIASTES 10:19</p>	<p>Festim relacionado a grandes banquetes, comemorações, alegrias, risos.</p>	<p>Banquetes, comemoração, sentimentos.</p>
<p>“Leva-me a sala do BANQUETE, e o seu estandarte sobre mim é o amor.” CÂNTICOS 2:4</p>	<p>Banquete refere-se a união, ao amor, ao sentimento existente entre ele e ela.</p>	<p>Banquete, amor, sentimento.</p>
<p>“Liras e harpas, tamboris e flautas e vinho há nos seus BANQUETES, porém não consideram os feitos do SENHOR, nem olham para as obras das suas mãos.” ISAÍAS 5:12</p>	<p>Banquetes de luxuria dos povos de Jerusalém.</p>	<p>Riqueza, banquete, festim.</p>
<p>“O SENHOR dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um BANQUETE de coisas gordurosas, uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem clarificados.” ISAÍAS 25:6</p>	<p>Banquete de recompensa de Deus aos povos pela sua misericórdia.</p>	<p>Banquete, recompensa, comemoração.</p>
<p>“Nem entre na casa do BANQUETE, para te assentares com eles a comer e a beber.” JEREMIAS 16:8</p>	<p>Ordens de Deus ao profeta Jeremias para não sentar e comer do banquete daquele povo.</p>	<p>Ordens, Deus, banquete.</p>
<p>“Estando eles engasgados, preparar-lheis-ei um BANQUETE, embriaga-los-ei para que se regorzijem e durmam sono eterno e não acordem, diz o SENHOR.” JEREMIAS 51:39</p>	<p>Banquete de guerra aos povos de Babilônia. Deus vinga Jeremias e assim ocorre a queda da cidade.</p>	<p>Banquete, vingança, Babilônia, Deus, profeta.</p>
<p>“O rei Belsazar deu um grande BANQUETE a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil.” DANIEL 5:1</p>	<p>Banquete de honra ofertado aos melhores homens do rei Belsazar, filho de Nabucodonosor.</p>	<p>Banquete, honra, homens.</p>
<p>“A rainha-mãe, por causa do que havia acontecido ao rei e aos seus grandes, entrou na casa do BANQUETE e disse: Ó rei, vive eternamente! Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante.” DANIEL 5:10</p>	<p>Rainha aflita com o sonho do rei, invade o banquete e fala sobre Daniel para interpretar o sonho do rei Belsazar.</p>	<p>Medo, rainha, rei, sonho, banquete.</p>
<p>“Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu BANQUETE; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas.” MATEUS 22:4</p>	<p>Jesus envia seus servos para chamar os convidados para seu banquete de bodas.</p>	<p>Banquete, bodas, convite, festim.</p>

<p>“E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do BANQUETE ficou repleta de convidados.” MATEUS 22:10</p>	<p>Reunião de todas as pessoas que encontraram para as bodas. Pessoas boas e más.</p>	<p>Banquete, reunião.</p>
<p>“E, chegando um dia favorável, em que Herodes no seu aniversário natalício dera um BANQUETE aos seus dignitários, aos oficiais militares e aos principais da Galiléia.” MARCOS 6:21</p>	<p>Banquete dado aos líderes mais importante para o rei Herodes e na Galiléia.</p>	<p>Banquete, rei, Galiléia.</p>
<p>“e de ocupar os lugares mais importantes nas sinagogas e os lugares de honra nos BANQUETES;” 12:39</p>	<p>Jesus diz aos seus servos para se proteger dos escribas e de sua palavras. Estes que gostam de sentar nos melhores lugares dos banquetes</p>	<p>Banquetes, escribas.</p>
<p>“Então, lhe ofereceu Levi um grande BANQUETE em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com eles á mesa.” LUCAS 5:29</p>	<p>Banquete ofertado a Jesus pelo publicano Levi, que largou tudo para segui-lo.</p>	<p>Banquetes, fiéis.</p>
<p>“...como aqueles que esperam seu senhor voltar de um BANQUETE de casamento; para que, quando ele chegar e bater, possam abrir-lhe a porta imediatamente.” LUCAS 12:36</p>	<p>Parábola sobre o servo vigilante.</p>	<p>Banquete, casamento, parábola.</p>
<p>“Quando alguém o convidar para um BANQUETE de casamento, não ocupe o lugar de honra, pois pode ser que tenha sido convidado alguém de maior honra do que você” LUCAS 14:8</p>	<p>Parábola feita por Jesus aos seus convidados falando sobre honra.</p>	<p>Banquete, parábolas, honra.</p>
<p>“Disse: também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar ou um BANQUETE, não convida os teus amigos, nem os teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos rico; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes: ao dares um BANQUETE, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos;” LUCAS 14:12-13</p>	<p>Jesus fala sobre a quem um fiel deve convidar para sentar-se com ele a mesa.</p>	<p>Banquete, ensinamento.</p>
<p>“Ora, ouvindo tais palavras, um dos que estavam com ele á mesa, disse-lhe: Bem-Aventurado aquele que comer pão no reino de Deus. Ele, porém, respondeu: certo homem deu um grande BANQUETE e convidou muitos.” LUCAS 14:15-16</p>	<p>Parábola sobre a grande ceia ofertada aos convidados, porém estes não aparecerem. Sendo assim, Deus disse que estes que se recusaram não provará dos seus banquetes, não terá recompensas no reino dos Céus.</p>	<p>Parábola, banquete, Deus, ensinamentos, recompensa.</p>